

PUC - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

MESTRADO EM HISTÓRIA

Núbio Vicente da Silva

O Garimpo no Vale do Araguaia na década de 90: Mitos, Representações e Imaginário

Goiânia – GO, junho de 2011

PUC - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

MESTRADO EM HISTÓRIA

Núbio Vicente da Silva

O Garimpo no Vale do Araguaia na década de 90: Mitos, Representações e Imaginário

Defesa de qualificação de conclusão do Curso de Pós- Graduação de Mestrado em História, Cultura e Poder da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, como requisito para obtenção do título de Mestre em História sob a Orientação do Prof. Dr. Eduardo José Reinato.

Goiânia – GO, junho de 2011

Núbio Vicente da Silva

O Garimpo no Vale do Araguaia na década de 90: Mitos, Representações e Imaginário

Aprovado em: ___/___/___.

Nota: _____

AVALIADORES

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo José Reinato.
Doutor em História, USP – Brasil. (Orientador)

Prof. Dr. Thiago Fernando S. e Silva
Doutor em História, UnB – Brasil. (Membro)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto
Doutora em História, UNICAMP – Brasil. (Membro)

Goiânia – GO, junho de 2011

Dedico esta Dissertação primeiramente a Deus, pela vida, saúde, fé e perseverança que tem me dado. A minha esposa Maria Antonia da Silva, companheira que sempre incentivou a continuar meus estudos. A meus Pais Eva Laurêncio da Silva e José Vicente da Silva e meus irmãos Rubéns Vicente da Silva e Wemerson Vicente da Silva. A meus amigos professores, Telmo e Alex, por estarmos juntos em prol desse sonho nas diversas viagens a estudos em Goiânia. Por fim, não poderia deixar de dedicar essa importante pesquisa a nossa historiadora e pioneira de Aragarças, a escritora e professora Zelia dos Santos Diniz que enriqueceu ainda mais os textos com seus depoimentos e fotografias históricas. Ao Professor Dr. Eduardo José Reinato, no qual, suas orientações, contribuíram positivamente para a construção de uma dissertação qualitativa e principalmente para o enriquecimento da minha bagagem cultural e crescimento intelectual.

AGRADECIMENTOS

O momento de privilégios e de dever cumprido que nos permitam sentir depois de uma trajetória de esforços e dedicação meio aos problemas e dificuldades sociais e pessoais está justamente no ato de agradecer todas as pessoas que de forma direta ou indireta, contribuíram para que a realização desse trabalho fosse concretizada.

Agradeço primeiramente ao dono da vida, o Deus todo poderoso, no qual confio e que me deu força e sabedoria nessa caminhada. Obrigado Jesus. De forma carinhosa, agradeço minha companheira esposa que nunca mediu esforços em apoiar meus estudos. Te amo. Sigo agradecendo aos garimpeiros Sr. José Joaquim Santana, o Paraíba, e o Sr. Luiz Francisco da Paz, o cearense, que concederam sem nenhuma objeção as respostas contidas na entrevista oral, que foram úteis para o enriquecimento desse texto. De forma respeitosa, agradeço a todos os meus familiares que sempre deram força para essa realização. Agradeço de forma especial, a Professora Dr^a Elane Ribeiro Peixoto que me ensinou a dar os primeiros passos em direção a construção da dissertação. Meus agradecimentos aos irmãos na fé e ao meu Pastor que sempre oraram, intercedendo a Deus pela minha segurança nas viagens e para nos dar força e sabedoria. Ao meu Orientador Professor Dr. Eduardo José Reinato que não mediu esforços em nos ajudar a construir um trabalho de proporção científica, atribuindo qualidade, forma e vida aos fatos históricos. Enfim, fico grato pela contribuição dos conhecimentos científicos de todos os intelectuais que estudei para fundamentar essa pesquisa, pois se não fosse o legado de suas obras escritas, que perpetuam as ações dos homens, era impossível alcançarmos esse nível de conhecimento.

“Foi assim que, em meados do século 20, os trabalhos pluridisciplinares convergentes permitiram tanto a criação de um balanço heurístico rico em estudos do imaginário como apresentar os conceitos-chaves de uma abordagem metódica das representações do Universo, ou de uma “mitodologia”. O pluralismo taxinômico, a tópica e dinâmica permitem abarcar as bacias semânticas que articulam aquilo que é “próprio do homem”, o imaginário, com uma precisão mensurável. Este se define como uma re-presentação incontornável, a faculdade da simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde os cerca de um milhão e meio de anos que o homo erectus ficou em pé na face da terra”.

Gilbert Durand

O Garimpo no Vale do Araguaia na década de 90: Mitos, Representações e Imaginário

Esta pesquisa procura levar ao conhecimento dos leitores como funciona o espaço multicultural do homem garimpeiro, o modo de viver, os ritos, as crenças e as simbologias que integram esse contexto na região garimpeira do vale do Araguaia, município de Aragarças, estado de Goiás, na década de 1990. Aplicar-se-á os conceitos de cultura, mitos, representações e imaginário como forma de abordar uma realidade social narrada em parte por crônicas fundamentadas nas fontes da história oral e destaca com ênfase o advento da História Cultural com suas novas vertentes voltadas aos estudos e valorização das minorias culturais, no qual essa é uma, antes menosprezadas pelos historiadores tradicionais. Pesquisa essa, que cumpre o objetivo dentro dos seus limites cuja classificação será de forma aplicada, descritiva e explicativa. E a abordagem do problema envolve o método qualitativo, pois busca a interpretação dos fenômenos a partir da compreensão de suas inter-relações e analisa a convivência cultural dentro do garimpo. Como técnicas e procedimentos serão utilizados tanto a pesquisa bibliográfica, quanto a pesquisa participante com a realização de entrevistas orais por meio de coleta de dados aplicada a garimpeiros e ex-garimpeiros. Os dados serão também coletados por meio de pesquisas em arquivos de órgãos públicos do município. A observação incluirá participante e não participante, aplicando um questionário de perguntas abertas com a utilização do formulário que será preenchido pelo pesquisador diante do informante. Portanto, o fruto dessa produção visa contribuir socialmente como instrumento informativo e esclarecedor, que ajuda na busca do conhecimento científico e desmitifica o mundo do garimpo quanto ao romantismo, o senso comum e os preconceitos formados em cima da atividade garimpeira e do homem mineiro, que por sua vez, esta desaparecendo do cenário social devido às proibições dessas atividades no Brasil, dando lugar as mineradoras multinacionais. Razão pela qual, houve a preocupação de se registrar esses fatos históricos para perpetuar a importância que os garimpos tiveram no processo de crescimento econômico e social do País e que essa história chegue ao conhecimento das futuras gerações.

Palavra-chave: Mitos, Imaginário, Garimpos, História Cultural, Crônicas.

Gold mining in the Vale do Araguaia in the 90s: Myth, Representation and Imagery

This research seeks to inform readers of how the multicultural space of prospector works , the way of life, rites, beliefs and symbols that are part of this context in the gold mining region of the Vale do Araguaia, Aragarças municipality, state of Goiás, in the 1990s. It will be applied the concepts of culture, myths, representations and imagery as a way to address a social reality narrated in part by chronic based on the sources of oral history with an emphasis and highlights the advent of the new Cultural History, with its strands oriented studies and appreciation of cultural minorities, this is one in which, before overlooked by traditional historians. This research meets its aim within its bounds whose categorization will be an applied, descriptive and explanatory form. And the approach to the problem involves the qualitative method because it seeks to interpret the phenomena from the understanding of their inter-relationships and examines the cultural coexistence within the mining. Techniques and procedures will be used for both the research literature, the research participant with the oral interviews by data collection applied to miners and former miners. The data will be also collected through research in archives of public bodies of the municipality. Include participant observation and non-participant, using a questionnaire with open questions using the form to be completed by the researcher before the informant. Therefore, the fruit of this production aims to contribute socially informative and enlightening as a tool that helps in the pursuit of scientific knowledge and demystifies the world of mining to romance, common sense and prejudices formed on top of gold mining activity and mining man, who turn, the social scene is fading due to bans these activities in Brazil, leading multinational mining companies. Why there was a concern to record these historical facts to perpetuate the importance that the mines were in the process of economic and social growth of the country and that this story comes to the attention of future generations.

Keyword: Myth, Imagination, gold mining, Cultural History, Chronicles.

Sumário

Introdução.....	09
Capítulo I – O Garimpo no Brasil.....	12
1.1 - Origem de Aragarças e suas características locais.....	16
1.2 – Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central.....	18
Capítulo II - Crônicas do Garimpo.....	31
2.1 - Garimpo: O sonho, as aparições e o modo de viver.....	36
2.2 - Garimpo: Integração Cultural.....	49
2.3 – O Triângulo dos Diamantes.....	56
2.4 - As Ocupações no Garimpo.....	60
2.5 - Conseqüências do Garimpo ao Meio Ambiente.....	62
2.6 - Tipos de garimpos.....	64
2.7 - Você já viu um garimpeiro rico?.....	65
2.8 - Garimpeiro: um homem livre?.....	67
2.9 - Analogia: estruturas imaginárias e representações sociais.....	69
Conclusão.....	79
Referências Bibliográficas.....	82
Glossário.....	84
Anexos.....	87

Introdução

A partir do Projeto de Pesquisa procurou-se evidenciar as etapas necessárias para o direcionamento na construção da Dissertação de Mestrado e nortear as estruturas de conhecimentos empíricos relacionados à vivência, aos ritos e crenças como parte da identidade garimpeira no vale do Araguaia na década de 1990. O foco de pesquisa está centrado nos conceitos de representação, mito e imaginário. E aponta a problematização quanto às poucas fontes historiográficas científicas existentes no mercado educacional que enfocam estas particularidades. Mas é com o advento da História Cultural com seus conceitos de representação e imaginário que se passou a valorizar as culturas consideradas marginalizadas, por meio dos estudos e pesquisas epistemológicas com resultados de publicações. Destaca-se também que o garimpo é um espaço rico em diversidades, que possibilita a integração entre os povos, trocas de experiências e intercâmbio cultural com a convivência na busca para realizar o sonho de encontrar o minério e melhorar a situação social.

Existem três fatores que justificam a decisão de escolher o Garimpo no Vale do Araguaia como objeto de estudo e pesquisa. O Primeiro se deu pelo fato do envolvimento do autor neste ofício durante dois anos, que lhe possibilitou adquirir uma experiência positiva por meio da convivência no contexto da década de 1990, no conhecido Garimpo do Macaquinho, situado na região do Vale do Araguaia, mais precisamente no município de Aragarças, estado de Goiás. O segundo fator está atribuído a existência de poucas pesquisas, publicações e trabalhos científicos referente a garimpos no Brasil, o que incentivou ao desenvolvimento deste trabalho como fonte de contribuição para o enriquecimento e ampliação do campo epistemológico voltado para as atividades garimpeiras. Por fim, o último fator diz respeito à valorização das memórias que ainda continuam frescas e historicamente recentes, podendo ser úteis na construção da própria história Regional por meio do registro, pois só assim o homem pode perpetuar seus feitos, preservar sua identidade e sua cultura, que nesse caso, é o contexto do garimpo. E este compõe múltiplos campos de estudos ligados ao imaginário, aos mitos e a representação, que podem ser valorizados como relíquias por meio da história oral que dará vida aos fatos. Campo este que está voltado também às ramificações da História Cultural, que busca valorizar elementos históricos marginalizados pela história factual, descobrindo para a nossa história os fatos e acontecimentos por meio de estudos analíticos, pesquisas e dando

interpretações aos eventos culturais que se tornam evidentes quando se busca explicações nesses conceitos de representações, mitos e imaginário, que farão parte dessa construção textual em junção com a conceitualização de cultura.

Esta pesquisa visa alcançar respostas para os questionamentos relacionados ao contexto do garimpo, pois eles irão direcionar os trabalhos no decorrer do processo de construção do texto. Os problemas levantados classificam-se em três questões que irão abranger todos os tópicos que serão abordados e discutidos. A primeira problemática está relacionada ao surgimento e à importância do garimpo no Brasil, suas características, localização e influência nos interiores, especificamente no Vale do Araguaia e o que essa atividade deixa de legado para as futuras gerações. A segunda se refere ao espaço multicultural de vivência do garimpeiro, suas superstições, seus sonhos, seus rituais, seus objetivos e quais os relacionamentos que se pode fazer desse espaço social com os valores mitológicos e imaginários. E a última problemática diz respeito às transformações que sobrevieram com a expansão e fortalecimento do capitalismo, culminando com o surgimento das grandes empresas multinacionais, o que está resultando na extinção gradativa dos garimpos rudimentares e dando lugar as potentes mineradoras. É exatamente esta premissa o principal motivo da preocupação em registrar sobre a vida do garimpeiro, que aos poucos está se perdendo na história e sua identidade caindo no esquecimento.

Quanto à classificação do tipo de pesquisa é notório afirmar-se que a mesma foi aplicada, voltada para a solução de problemas específicos e os objetivos voltados para o processo foram de forma descritiva e explicativa. A abordagem do problema envolveu o método qualitativo, com busca a interpretação dos fenômenos a partir da compreensão de suas inter-relações analisando a convivência cultural dentro do garimpo e procurando evidenciar a identidade de um ofício às vezes menosprezado pela história.

Como técnicas e procedimentos foram utilizados tanto a pesquisa bibliográfica, quanto a pesquisa participante com a realização de entrevistas orais por meio de coleta de dados aplicada a garimpeiros e ex-garimpeiros do garimpo do Macaquinho a 40 km da cidade de Aragarças, estado de Goiás. Esses dados foram também coletados por meio de pesquisas em arquivos de órgãos públicos do município. A observação incluiu participante e não participante, aplicando um questionário de perguntas abertas com a utilização do formulário que foi preenchido pelo pesquisador diante do informante.

Classificou-se essa produção em II capítulos que envolvem toda a temática de estudos correspondentes aos campos de pesquisas e análises documentais, somado ao

importante levantamento prático e concreto, envolvendo para isso a história oral. No primeiro capítulo aborda-se a História da mineração no Brasil desde seu surgimento até a expansão para os interiores. Consequentemente relata-se a interferência da Fundação Brasil Central no enfraquecimento do garimpo na região até o processo jurídico de fechamento e a instalação das mineradoras na era Collor de Melo. Registra as características locais com identificação do espaço geográfico, o clima e a vegetação, onde se encontra o objeto de estudo e pesquisa, que é o garimpo do Macaquinho no Vale do Araguaia e aborda a origem do Município de Aragarças com a influência garimpeira. Fatos esses, estão intercaladamente fundamentados por referências científicas contextualizadas.

No segundo capítulo se encontra as crônicas do garimpo, parte do texto em que aborda o processo de vida do homem garimpeiro com seus sonhos, as formas de trabalho e suas superstições, envolvendo depoimentos dos garimpeiros entrevistados como confirmação da narrativa escrita, que ganharão sentido com os conceitos teóricos no campo dos mitos e imaginários. Ressalta-se nesse contexto como ocorre a integração cultural; o processo de ocupações das regiões diamantíferas; as conseqüências que essa atividade provoca ao meio ambiente; os tipos de garimpos existentes; se há garimpeiro rico e se este verdadeiramente vive em liberdade.

Capítulo I - O Garimpo no Brasil

Considerado como uma atividade de extração mineral, o garimpo existe já há algum tempo no mundo. Segundo Robson José Peixoto

Os primeiros sinais dessa atividade datam do século XV, com os europeus que partiam em busca de novas terras para conquistar suas riquezas minerais. No Brasil, os garimpos começaram a despontar com maior destaque no século XVIII, com as campanhas em busca de ouro e diamantes no Estado de Minas Gerais. (PEIXOTO, 2004, vol. 57, n.º.4)

O conceito mais preciso de garimpo se caracteriza pela forma de extração de riquezas minerais da natureza tais como: pedras preciosas e semipreciosas que se apresenta como referência o diamante, o ouro, a esmeralda, o topázio e outros.

Geralmente os garimpos possuem poucos recursos, pois as atividades de extração são realizadas com equipamentos simples e rústicos pelo fato do baixo investimento devido a não garantia de retorno financeiro imediato. Apesar de que, essa atividade é considerada dentro da lei, uma forma legal de extração de riquezas minerais desde que atenda a determinadas regras e obrigações do Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM, que é o órgão responsável pelo controle de todas as atividades de mineração no País.

A atividade garimpeira sempre foi considerada como um problema no Brasil, pois a maioria dos garimpos funciona de forma clandestina, desobedecendo à lei e possibilitando ações negativas como confrontos, assassinatos, disputas de terras, roubos, prostituição, impunidade, insegurança, vícios, patrocínio de armas, narcotráfico e a degradação do Meio Ambiente.

No contexto do garimpo há pessoas com diversas intenções particulares. Existem aqueles que exercem as atividades trabalhando no pesado para sustentar a família; existem os que buscam no garimpo uma fonte de renda extra; os aventureiros; os que têm o garimpo como vício sem ambição em mudar de situação. Existem também os empresários que tiram proveito da simplicidade dos garimpeiros; as pessoas de má índole que usam de malícia para se apoderarem com facilidade do lucro do minério por meio do ofício de comprador.

Os portugueses desde que aportaram no Brasil, não tiveram outra motivação a não ser o trabalho fácil de procurar ouro ou pedras preciosas de preferência, à flor da terra. Fato esse, que motivou repentinamente, a vinda de abastados portugueses, principalmente solteiros e aventureiros, formando assim, um grupo de exploradores dispostos a se embrenhar na mata à dentro a procura de fortuna fácil. Esse grupo era denominado de “entradas e bandeiras” e seus componentes eram chamados de “bandeirantes”. Com esse objetivo de explorar a riqueza do Brasil, os bandeirantes percorreram todo o interior do país chegando até a Chapada Diamantina e as margens do Rio São Francisco. Essas atividades findaram quando perceberam que as pedras preciosas e o ouro não se encontravam à flor da terra como pensavam.

Na capitania de São Vicente, desde o final do século XVI, o Brasil já tinha conhecido uma escassa exploração mineral, chamado ouro de lavagem que por sua baixa rentabilidade, foi abandonado rapidamente.

Portanto, somente no século XVIII que a mineração passou a dominar o cenário brasileiro, intensificando a vida urbana da colônia, além de ter promovido uma sociedade menos aristocrática em relação ao período anterior, representado pelo ruralismo açucareiro.

Foi entre os anos de 1750 e 1770, que a mineração, marcada pela extração de ouro e diamantes, atingiu o apogeu nas regiões de Goiás, Mato Grosso e principalmente em Minas Gerais. Outro fato importante que ocorreu nesse período, enquanto na América espanhola o esgotamento das minas irá provocar uma forte elevação no preço dos produtos, no Brasil acontecia à passagem da economia açucareira para a mineradora, que ao contrário da agricultura e de outras atividades como a pecuária, foi submetida a uma rigorosa disciplina e fiscalização por parte da Metrópole.

A extração mineral não se restringiu apenas ao ouro. O século XVIII também conheceu o diamante, no Vale do Jequitinhonha, sendo que durante muito tempo, os mineradores que só viam a riqueza no ouro, ignoraram o valor desta pedra preciosa, utilizada inclusive como ficha para jogo.

O primeiro regimento para legalização da comercialização dos Diamantes foi criado após três décadas, pelo então governador das Gerais, D. Lourenço de Almeida, que enviou algumas pedras para serem analisadas em Portugal, que imediatamente concordou com a legalização da pedra preciosa, pois o objetivo maior da coroa era criar mecanismos que pudessem gerar capital para cobrir suas dívidas externas com a Inglaterra.

Por outro lado, a dependência lusa ao capitalismo inglês era antiga, pois essa suposta riqueza advinda da mineração não permaneceu no Brasil e nem foi para Portugal, mas serviram para pagar parte das dívidas, contribuindo ainda mais para o fortalecimento econômico e industrial da Inglaterra.

Vale ressaltar que a leva de garimpos contribuiu decisivamente para criação de povoados, vilas e automaticamente cidades. Meio pelo qual aglomeravam pessoas de vários lugares do País de forma rápida e sem algum processo de organização social, mas o que atraía era a descoberta de grande quantidade de minério em um determinado lugar. O ciclo do ouro e do diamante foi responsável por profundas mudanças na vida colonial. No espaço de cem anos a população cresceu de 300 mil para, aproximadamente, 3 milhões de pessoas, somando aí, um deslocamento de 800 mil portugueses para o Brasil. Com a intensificação do comércio interno de escravos, incentivou a chegada de cerca de 600 mil negros do Nordeste. Esses deslocamentos representam a transferência do eixo social e econômico do litoral para o interior da colônia, resultando na própria mudança da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, cidade de mais fácil acesso a região mineradora.

Diante dessas transformações ocorridas em decorrência da exploração do minério no Brasil, passa a marcar uma nova época voltada à expansão para os interiores dos estados brasileiros e conseqüentemente o surgimento de uma classe social marcada por conflitos e disputas, mas que passa a formar uma identidade particular que compõe a cultura nacional.

A presente pesquisa procura conceituar a princípio os termos cultura, mitos representações e imaginário. Para tal, foi necessário uma extensa leitura e um minucioso estudo sobre alguns autores renomados que se dedicaram a esses campos de pesquisa, no qual faz-se menção aos seus nomes no decorrer da construção do texto, possibilitando versões de entendimento que permitirão obter-se uma visão ampla desses conceitos que serão úteis como fundamentação teórica e científica.

A priori, inicia-se com o conceito Cultura: O termo cultura é conceituado de forma clara e objetiva por Raymond Williams em seu texto “Palavras – chave: um vocabulário de cultura e sociedade”, afirmando que no significado mais primórdio, a palavra cultura apresentava uma gama de significados do cotidiano como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração e nos termos mais definido referia-se a lavoura, o cultivo da terra, ou seja, os cuidados com as colheitas ou com os animais (WILLIAMS, 2007, p.177). Nesse sentido, a cultura se limitava às ações dos homens do campo, mesmo porque em pleno século XVI o que predominava como forma de meios de produção econômica era o

investimento na agricultura, época em que a maioria da sociedade estava voltada para as atividades do campo.

Portanto, com o passar do tempo a palavra cultura ganhou outras atribuições e significados.

Existem três categorias amplas e ativas de uso da palavra cultura (i) O substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do século 18; (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, desde Herder e Klemm. Mas também é preciso reconhecer (iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. Com frequência, esse parece ser hoje o sentido mais difundido: Cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema. (WILLIAMS, 2007, P.12).

O antropólogo Roque de Barros Laraia em sua obra “Cultura: um conceito antropológico” deixa evidente que para Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2008, p.25).

Dando seqüência aos conceitos, é necessário deixar evidente a importância de entender primeiramente às idéias que fundamentam o imaginário e suas representações.

Em “História & História Cultural”, Sandra Jatahy Pesavento afirma que a “história Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbem de construir uma representação sobre o já representado. Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (PESAVENTO, 2008, p.43).

Em se tratando de mitos faz-se referência a Mircea Eliade “Mito e Realidade”, que deixa evidente uma tentativa de definição, afirmando que “os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural” (ELIADE, 2007, P.11).

Por outro lado, o mito apresenta conceitos que não deixam distância do imaginário, pois se fundamenta pelos símbolos e rituais; pelos relatos dos conhecimentos culturais, que de forma fenomenológica implica na narrativa e na interpretação dos feitos humanos.

“O imaginário, portanto, de maneira geral, é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção” (LAPLANTINE, 2003, p. 24).

Por final, ressalta-se como principal referencial na linha de estudo para esta dissertação, as contribuições de Gilbert Durand, particularmente em “As Estruturas Antropológicas do Imaginário”, que procuram classificar as alegorias e o processo de construção do imaginário por meio dos atributos das imagens, dos símbolos e dos sonhos. Características essas que recaem adequadamente sobre o objeto de pesquisa e faz parte da realidade social no contexto do garimpo e de seu homem dissoluto, heróico e aventureiro.

Portanto, no Garimpo no Vale do Araguaia na década de 1990, que é o objeto de estudo desse trabalho, foi possível abordar como referencial teórico os conceituados autores das diferentes áreas de estudos: sociólogos, antropólogos, historiadores e filósofos, mas que suas idéias e teorias defendidas foram motivadas e influenciadas pela tendência da História Cultural. Além dos já abordados, faz-se referência ainda nessa linha de estudo às obras: “O que é História Cultural?” de Peter Burke; “A nova História Cultural” da norte americana Lynn Hunt; “A Escrita da História” de Michel de Certeau; J. S. Crotto com sua obra as “Linguagens da Experiência Religiosa” e o “Imaginário da Renascença” de Claude-Gilbert Dubois. Também, Denise Jodelet “As representações sociais”, Bronislaw Baczko em sua obra “Imaginação Social” e outros importantes intelectuais mencionados no decorrer do texto.

1.1 - Origem de Aragarças e suas características locais

Em 1872, Aragarças recebeu seu primeiro grupo de colonizadores, provenientes de Caiapônia, no Estado de Goiás. Em 1921 a família Carolo fixou-se na região. O povoado denominado Barra Goiana, iniciado em 1922 com a chegada do Sr. Minervino Machado, tinha como seus primeiros habitantes garimpeiros que se alojavam em pequenos barracos de palha as margens do Rio Araguaia. Foi em 1933 no garimpo da praia, do lado goiano, que o Sr. Joaquim Mendes de Souza, conhecido como Joaquim do Guardiato, encontrou

um diamante de nove quilates. A notícia foi longe. Houve uma afluência além do natural pelo achado do Sr. Joaquim. Esse acontecimento motivou em pouco tempo um povoamento crescente da Barra goiana. Esta depois passou a se chamar Aragarças devido à conjugação dos nomes dos Rios Araguaia e Garças, por sugestão do Ministro João Alberto, então Ministro da Mobilização Econômica, responsável pela Expedição Roncador Xingu, configuração real da Marcha para o Oeste idealizada pelo Presidente Getúlio Vargas. Esta expedição em julho foi transformada na Fundação Brasil Central que teve como presidente o Ministro João Alberto. A Expedição chegou à Barra Goiana em 14 de agosto de 1943 e, aí assentou em Aragarças o Marco Zero da Expedição Roncador-Xingu, mais tarde substituído pelo Cruzeiro, símbolo histórico do município. Com a instalação do Marco Zero, João Alberto determinou que ali se construísse uma cidade a qual denominou Aragarças. Assim o povoado Barra Goiana foi rebatizado de Aragarças. Após a criação do município, a cidade já possuía seu plano diretor de urbanização, que compreendia um conjunto de 50 casas, o Hospital Regional Getúlio Vargas, o Grande Hotel e o Aeroporto Salgado Filho, que consta em todas as cartas aéreas do mundo.

Foi com a influência do garimpo, principal responsável pelo aquecimento da economia local, que Aragarças recebeu de Baliza-GO o Título de Vila com a Lei nº 5 de 5 de novembro de 1951. Mas, com Lei Estadual nº 788 de 02 de outubro de 1952, que Aragarças passou a categoria de Município.

No entanto, a região do Vale do Araguaia começou a ser povoada em conseqüência às descobertas de manchas de diamantes cuja notícia se propagou rapidamente por todo o país, resultando então na chegada de vários moradores de diferentes regiões e estados brasileiros, principalmente de nordestinos. Com estes vieram também pequenos comerciantes no objetivo de se instalarem no contexto de movimentação provocado pelos garimpos devido o sucesso da cata de diamantes, que por sua vez, motivava a circulação de dinheiro por toda a região.

Todas essas informações referentes à história da origem de Aragarças e suas características locais foram possíveis graças a obra de Zélia dos Santos Diniz, historiadora local, (1990, 39-60), intitulada “Município de Aragarças”.

A cidade se encontra localizada na região sudoeste de Goiás, lugar conhecido como Mato Grosso goiano por ser banhado pelo Rio Araguaia que divide os Estados de Goiás e Mato Grosso. Possui hoje 18.310 habitantes, seus limites de territórios limitam-se ao Norte com Barra do Garças-MT, ao Sul com Baliza-GO e Bom Jardim de Goiás, a Leste com

Bom Jardim de Goiás e Montes Claros de Goiás e a Oeste com Pontal do Araguaia-MT e Barra do Garças-MT.

O território pertencente ao Município de Aragarças soma um total de 660,66 Km², incluindo Zona Urbana e Rural. Está Localizado em uma superfície plana com ligeira inclinação voltada para o Rio Araguaia, formando assim, um planalto. Suas coordenadas geográficas apresentam 15° 55' de Latitude Sul e 52° 15' de Longitude W. Gr. Sua altitude é de 278 m. Não possui serras nem montanhas e faz parte do Vale do Rio Araguaia compondo o conjunto de Municípios que constituem o Médio Araguaia. Neste Vale existem alagados que formam lagoas e apresenta margens arenosas compostas por grandes vazantes e belas praias, consideradas as mais belas praias fluviais do Brasil, que todos os anos são visitadas por inúmeros turistas nacionais e internacionais.

Os campos e os cerrados constituem a vegetação predominante em Aragarças. As árvores mais comuns da vegetação natural são as paineiras e rica variedade de palmeiras sendo o Buriti a mais importante.

O clima da região está dividido como período chuvoso de 125 a 150 dias por ano e estão entre os meses de dezembro a fevereiro, denominado como período chuvoso ou inverno. E o período seco que ocorre entre os meses de junho a agosto, considerado como tempo de verão ou seca. Portanto, com essas características Aragarças apresenta um clima tropical. O Rio Araguaia é o maior e mais importante do Município. Depois vem o Rio Caiapó que deságua no Araguaia, sendo um dos seus principais afluentes. Os riachos e córregos afluentes do Araguaia na região são: Córregos da Capivara, do Areia, do Rola, do Jaraguá, Pintassilgo, Ribeirão das Mulas e Rio João Velho.

1.2 - Expedição Roncador -Xingu e Fundação Brasil Central

É importante destacar que o principal motivo que levou o Presidente Getúlio Vargas a organizar uma expedição para desbravar o Centro Oeste brasileiro, foi o estopim da Segunda Guerra Mundial, no qual causou certo receio e medo de perder territórios para outras nações.

Segundo Zelia Diniz, tudo começou em uma viagem que o Presidente Getúlio Vargas fez a Ilha do Bananal, considerada a maior ilha fluvial do mundo. Quando em repouso, após o jantar, entre considerações sobre o imenso vazio geográfico do país, o

Coronel Flaviano de Matos Vanique exclama: “Senhor Presidente! Se me proporcionarem o comando de uma expedição, asseguro e me comprometo abrir caminho através deste sertão até Manaus” (DINIZ, 1996, p.22).

As palavras de Vanique calaram forte no Presidente e em seu Ministro, fecundando neles o embrião da conquista do interior despovoado e rude. Diante disso, nasce neste momento a idéia da Marcha para o Oeste, que por enquanto só fica na memória dos brasileiros como idéias, propagandas, cartazes e musicas, mas que começa a ganhar um sentido de brasilidade e sentimentos cívico e patriótico no coração da massa popular. Mas, por outro lado, o Presidente divaga em suas meditações em busca de solução para realizar a Marcha, pois os cofres da nação estão vazios e o Brasil deixou de ser colônia há mais de cem anos, mas não adquiriu independência econômica e financeira. Continua um país eminentemente agrícola, sobrevivendo da monocultura, considerado o maior produtor de café do mundo. Mesmo assim, isso não foi significativo o suficiente para obter recursos para o investimento da Marcha para o Oeste.

Logo em seguida, na década de 1940, surgem novos fatos que vão abalar a estrutura econômica e política nacional, que é a Segunda Guerra Mundial cujo objetivo é a luta das maiores potências do velho mundo para buscar espaços ou territórios para estender seus domínios e produzir alimentos para as populações crescentes. Seus reflexos se fazem sentir no Brasil pela queda do comércio do café.

Com a guerra, ganha corpo, na Europa, a doutrina de que as nações que dispunham de áreas inexploradas fossem ocupadas pelas nações que guerreavam e se consideravam mais capazes, tudo em nome do bem comum dos povos e do mundo. Com isso, visavam o Brasil, com seu Centro Oeste e Norte despovoados e inexplorados.

Foi então que em 1943, o Presidente Getúlio Vargas implantou, mesmo com a crise econômica, a Marcha para o Oeste com a formação da Expedição Roncador-Xingu.

Não poderia deixar de registrar aqui as ricas informações fornecidas por umas das mais importantes personalidades do município de Aragarças, que é a historiadora Zelia dos Santos Diniz, escritora de várias obras e uma das pessoas responsáveis pela divulgação da história da região e acima de tudo uma experiente pioneira que pôde contribuir ainda mais para o engrandecimento desse texto por meio de importantes depoimentos.

Na relação entre garimpo e Fundação Brasil Central no vale do Araguaia, Dona Zelia relata que a instalação da Expedição Roncador-Xingu se deu no dia 14 de agosto de 1943, com o objetivo definido de entrar no sertão de Mato Grosso, tendo Aragarças como

base. Mas, o desenvolvimento da Expedição deixou claro que a região não precisava só de passagem e de abertura de picadas, era necessário haver a interiorização e se construir cidades, pois Aragarças era apenas uma Vila garimpeira, assim como toda essa região do Araguaia. Dessa forma, a Expedição Roncador-Xingu foi transformada em Fundação Brasil Central, porque através desta haveria como conseguir a gestão de recursos, em que o governo poderia adquirir o capital de aplicação no projeto até de fora das verbas oficiais, no objetivo de investir na região. Então, a Fundação sob o comando do Ministro João Alberto passou a realizar não só o desbravamento, mas também a colonização das regiões compreendidas nos altos rios Araguaia, Xingu e no Brasil Central e Ocidental. Essa Fundação já chegou começando a construir uma cidade – Aragarças - no povoamento garimpeiro. No entanto, para se construir uma cidade, onde só havia casas de barro, de taipas e ranchos de palhas, era necessário que se construíssem casas para a administração, postos de saúde, escolas, e para isso era primordial a mão-de-obra operária.

Ilustração:

Sede da Expedição Roncador - Xingu em Aragarças Goiás, no setor Base Velha



Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

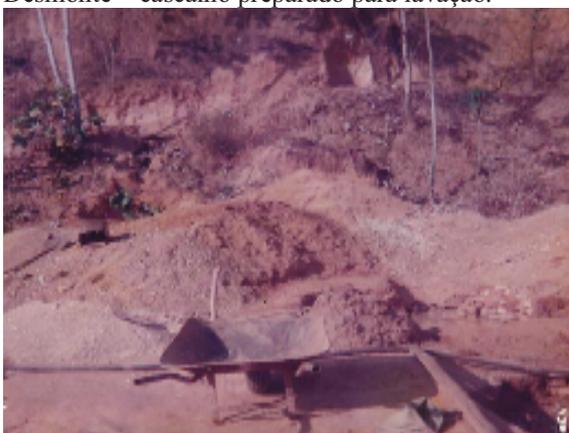
A Fundação trazia do Rio de Janeiro a mão-de-obra especializada, médicos, dentistas, engenheiros, mestre de obras, construtor de pontes e estradas, mas não traziam os pedreiros e serventes, e assim, a Fundação requisitou do próprio local do povoado garimpeiro a mão-de-obra ociosa existente. Eram os garimpeiros e seus familiares. Todos

garimpavam na época. Havia poucas casas de comércio, poucos mercadinhos e as casas conhecidas como “os fecha nunca”, casas de diversão que ofereciam prostitutas a disposição dos garimpeiros. Estes, a partir de então, começaram a ver outra realidade na Fundação Brasil Central, que era a possibilidade de um emprego fixo. Esses empregos facilitariam a vida dos aventureiros que sofriam em busca da sorte nos garimpos, enquanto alguns se saíam bem, a maioria se saía mal.

A vida de garimpeiro era muito difícil, alguns tinham famílias, a maior parte eram homens solteiros. Muitas mulheres também garimpavam, mas a maior parte delas ficava em casa criando os filhos, se utilizavam do meio de serviços de lavagem de roupas para os considerados menos pobres, serviços domésticos, coletas de frutos no cerrado para vender e apurar algum dinheiro, enquanto os homens iam para os garimpos. Era a dificuldade da incerteza, pois eram todos pobres e não tinham terra para garimpar. Os donos das terras ofereciam suas propriedades a uma porcentagem de 10% do apurado, sem contar que o garimpeiro para trabalhar, geralmente não tinha recursos para a sua manutenção como, alimentos, roupas e ferramentas. Então, pessoas de maior poder aquisitivo contratavam os garimpos dos fazendeiros e ofereciam aos garimpeiros mais humildes na meia. Qualquer pessoa que tivesse um pouco de recurso poderia fazer isso e passava a ser o sócio ou patrão. Dessa forma, o garimpeiro recebia do patrão, que também era o sócio, geralmente pelas condições do lugar, o alimento que era sempre feijão, farinha de mandioca, toicinho, carne de panela, um pouco de carne seca de gado ou de porco; o café não podia faltar, o açúcar, o querosene para abastecer as lamparinas, o fumo que era essencial também. Isso constituía o saco de alimentos do garimpeiro.

Ilustração:

Desmante – cascalho preparado para lavação.



Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Após o desmante do barranco, as pedras grandes (emburrados) são separadas do cascalho fino e da terra solta. O cascalho com a terra é transportado na carriola até o rego d'água, ou rio, ou ainda água empoçada para este fim, a fim de ser colocado nas peneiras e ser peneirado dentro d'água. A areia se separa deixando apenas os cascalhos com os diamantes no fundo da peneira.

Ilustração:
Lavação do cascalho.



Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz.

A lavagem do cascalho na qual é necessária a utilização de um poço d'água suficiente para deixar imersas todas as cinco peneiras, que servirão para selecionar os vários tamanhos de esmeril, formas e com estas o diamante, exige do garimpeiro cuidado, desde o encher a carriola de cascalho com a pá, o transporte até o lavador, o despejo nas peneiras e a flexibilidade dos braços no momento do giro de cada uma das peneiras para evitar a perda de um diamante. Momento esse, considerado difícil, pois o mineiro fica muito tempo com o corpo encurvado de forma desconfortável, podendo causar dores de coluna.

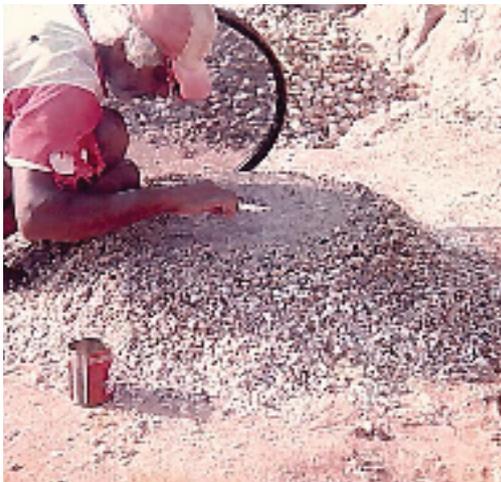
Ilustração:
Virada da peneira no picadeiro.



Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz.

Depois da lavação, a etapa seguinte é debruçar a peneira com habilidade suficiente para manter o cascalho concentrado no mesmo formato que o processo de lavagem concluiu. Tendo o cuidado de não esparramar o esmeril com a forma centralizada, no momento que virar cada peneira no picadeiro (lugar elevado composto de esmeril lavado, adequado para debruçar peneiras). Durante essa etapa pode ocorrer o surgimento do minério em cima da forma, de maneira que ao debruçar a peneira, o diamante aparece. Isso acontecendo, imediatamente ele recolhe seu achado valioso e o guarda no picuá (recipiente arredondado com tampa, feito para guardar diamantes).

Ilustração:
A escrita – fase final.



Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz.

Momento em que o garimpeiro, depois de debruçar a peneira no picadeiro, passa a praticar o manuseio de um instrumento feito de madeira chamado paleta. Esta serve para escrever a forma no qual exige concentração e muita calma, pois um lapso do garimpeiro pode jogar o diamante fora. No entanto, essa etapa é essencial por ser o resumo dos trabalhos de uma semana. Escrever a forma é importante porque representa a última colheita voltada para os xibius (diamantes pequenos). Estes servem para ao menos manter as despesas de uma semana ou do mês nas atividades do garimpo.

O sócio fornecia também as ferramentas necessárias que eram as pás, alavancas, enxadão, picareta, jogos de peneiras e a carriola. Um dia da semana era destinado à lavação, que geralmente era nas sextas-feiras, depois de uma semana inteira de trabalho, normas de todos os garimpos. Nesse dia o patrão se fazia presente para assistir a lavação e presenciar a coleta, o que o garimpeiro conseguiu catar, pois se conseguisse achar alguma coisa, imediatamente já vendia direto ao patrão e do apurado 10% já seria do dono das terras e 45% era do garimpeiro, ficando também o sócio com 45% do capital arrecadado na venda, pelo menos no entendimento do garimpeiro na negociação. Não havia documentos escritos. Valia a palavra.

A vida era essa. Pegava seu dinheiro e ia ao encontro da família aos finais de semana; os que não tinham família iam passar seu período de festa até gastar o último centavo. Segunda-feira começava tudo de novo, era a norma, a maioria vivia assim, tanto nos garimpos de Aragarças, como nos muitos de toda a bacia do Araguaia, quer no Mato Grosso ou em Goiás.

O garimpeiro desgarrado levava seu dinheiro e gastava todo nos “fecha nunca” de uma noitada só, e os que tinham família iam para casa fazer o fornecimento, o falado rancho, para a família passar a semana e voltava novamente à lida.

Em 1943, quando se estabeleceu a Fundação Brasil Central, como não havia imóveis disponíveis em Aragarças, muitos dos garimpeiros cederam seus ranchos de barro cobertos de palha para instalar os equipamentos da Expedição, o médico com seu equipamento de medicina precária, mas suficiente para uma cirurgia de improviso e

tratamento. Foi preciso construir casas para instalar a base da Expedição. Era disponibilizado como transporte obrigatório para todas as situações os aviões do CAN – Correio Aéreo Nacional. Aeronave essencial para trazer benefícios, que fazia a linha Rio de Janeiro – Aragarças. O CAN trazia novidades do Rio, revistas, pessoas diferentes, era uma festa do povo e vinha duas ou três vezes por semana. Se houvesse emergência levava as pessoas para Goiânia, Uberlândia ou até Rio de Janeiro.

Na necessidade de se construir sedes e casas para os médicos, atendimentos, alojamentos, foi necessário chamar o povo do lugar para trabalhar, pois o mestre de obras eles traziam do Rio, mas não traziam os operários. Razão pela qual, conseqüentemente foi tirando o pessoal do garimpo. A cada trabalho contratado, os operários recebiam seus pagamentos sem precisar se aventurar no garimpo pela vinda ou não do diamante. Quando a Fundação começou a empregar as pessoas, a assinar a carteira de trabalho, passando a registrar os ex-garimpeiros com salários nos moldes do poder público, salário família e auxílios, passaram a ter estabilidade empregatícia. Com a construção de escolas as crianças podiam estudar e vislumbrar futuro melhor. A Fundação trazia do Rio de Janeiro os livros, os uniformes, o calçado e a merenda escolar.

A nova vida fez com que lentamente fosse acontecendo o abandono aos garimpos. Logo depois veio a construção do Hospital Regional Getúlio Vargas, médicos à vontade, construíram em seguida, vilas, casas mobiliadas que eram entregues aos seus operários. Instalaram cerâmicas, marcenaria, serraria e oficinas. Assim, o garimpeiro saía do rancho de palha e já vinha contratado para morar em casa que era um luxo na época, com cama, guarda roupa e todo o tipo de móveis que eram fabricados na marcenaria da própria Fundação.

Assim, as cidades foram avançando para o local dos garimpos, havendo o crescimento da população e do comércio. Quem produzia gêneros alimentícios e criavam animais, a própria Fundação comprava toda a produção para abastecer os seus funcionários na missão de expandir territórios rumo ao alto Xingu.

Na verdade, os garimpos e os garimpeiros não acabaram. A maior parte se mudou, mas permaneceram os viciados, assim entendidos porque o garimpo é um jogo, é um vício. Enquanto uns ficam felizes por bamburrar, isto é, colher um grande diamante, a maioria alimenta as esperanças de um dia encontrar também o minério. Por esse motivo diz-se que o garimpo é uma loteria na qual hoje foi ele, amanhã será outro, e assim continuam nessa perspectiva de vida.

Ainda existem garimpos que em sua maioria são clandestinos, pois com o aflorar das idéias das políticas de preservação ambiental surgiram os naturalistas e os ambientalistas com seus projetos e suas ONGs, sendo boa parte fantasmas e começaram a questionar essa degradação provocada pelos garimpos. Pior que isso, são as ações inconscientes dos grandes agricultores que desmatam suas propriedades, tirando toda a segurança da terra, derrubando as árvores com suas lavouras mecanizadas, muitas vezes sem respeitar as margens dos rios e ribeirões. Na verdade, entende-se que os garimpos de dragas conhecidos como garimpos de mergulho fazem o trabalho de limpeza dos leitos e desassoreiam os percursos dos rios.

Mas isso tudo foi envolvido no prejuízo que a garimpagem deu à natureza e da insistência e persistência dos garimpeiros que motivaram as campanhas para acabar com os garimpos, surgindo ordens judiciais que esbarraram em pessoas poderosas politicamente e financeiramente, mas, na maioria quem sofreu realmente a pressão da lei e teve que cumpri-la foi o garimpeiro humilde.

Há até hoje, burlando a fiscalização, garimpos mecanizados funcionando e outros escondidos sorrateiramente em meio à floresta, sendo explorado pela garimpagem manual.

Legalmente, o garimpo começou em uma segunda fase, após o enfraquecimento, a ser combatido através das leis, do papel, da legislação, dos pareceres, dos naturalistas e ambientalistas que faziam denúncias, gerando assim ordens de Juízes de lugares diversos, de Tribunal, do Supremo, alguns conseguiam recorrer e por um poder político contestavam numa instância maior e eram liberados, outros conseguiam licenças legalizando sua garimpagem no Ministério das Minas e Energia; estes ficavam isentos da pressão. Se o lado de Goiás proibia terminantemente as atividades do garimpeiro, os do lado de Mato Grosso conseguiam as suas licenças judiciais e com elas permaneciam no leito do Rio. Assim foi havendo uma pressão legal até que finalmente houve uma proibição presidencial que acabou definitivamente com os garimpos. Ledo engano, por um lado, a lei determinou, mas por outro lado quantos e quantos são encontrados aqui no Rio Araguaia ainda hoje garimpando de forma clandestina ou que seja legalizada inclusive onde muita gente ainda está garimpando no enxadão e na peneira.

Quanto aos feitos da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central em Aragarças, ficaram os monumentos que a identifica como um lugar histórico e memorável, que ainda possibilita aos seus moradores e visitantes perceberem a grandiosidade da obra quando se deparam com o Hospital Getúlio Vargas, hoje municipal, mas que nunca deixou

de ser regional, pois ainda atende a demanda da região. Pode-se visualizar as pontes sobre os Rios Garças e Araguaia, ambas construídas com uma estrutura avançada para a época; o Aeroporto em plena atividade; casas antigas da Força Aérea Brasileira e vilas residenciais dos funcionários da FBC ainda estão de pé; a estrutura da serraria e da marcenaria; das olarias e cerâmica resta uma grande chaminé, monumento histórico, localizada no Setor Base Velha; o primeiro gerador de energia da região que fornecia luz para Aragarças e Barra do Garças, cidade vizinha já pertencente ao estado de Mato Grosso; o prédio do grande hotel que hospedou o Presidente Getúlio Vargas, hoje casa do Índio; o marco do Cruzeiro, hoje restaurado, representa o sinal de fixação da base da Fundação para desbravar a região na época.

Portanto, a maioria destas cidades existentes daqui até os estados do Pará e Amazonas é o produto final da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central.

Ilustração: Cruzeiro de Aragarças.



O Cruzeiro de Aragarças, monumento em madeira de lei e pedras, construído no local do Marco Zero pelos expedicionários da Expedição Roncador-Xingu 1943.

Na foto à esquerda a Professora e historiadora Zelia dos Santos Diniz, ao centro Sr. Manoel Rodrigues Ferreira, atual Presidente da Academia Paulistana de História e comandante da Expedição Mackenzie em 1945, reinstalando a Placa Mackenzie em 13/08/1999. A direita o Sr. Francisco Sales (Chiquinho do Campo).

Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Ilustração: Ponte sobre o Rio das Garças.



Construção da ponte sobre o Rio das Garças na década de 1950. À direita o presidente da Fundação Brasil Central Archimedes Pereira Lima e um operário.

Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Ilustração: Obras da ponte sobre o Rio Araguaia.



Obras da ponte sobre o Rio Araguaia, na confluência com o Rio das Garças, em fase adiantada de construção. Inaugurada pelo Presidente Juscelino Kubistchek em 1958.

Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Ilustração: Hospital Regional Getúlio Vargas



Construção do Hospital Regional Getúlio Vargas, pela Fundação Brasil Central na década de 1950 sob a presidência do Dr. Archimedes Pereira Lima.

Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Ilustração: Canteiro de obras em Aragarças



Visitação ao canteiro de obras realizadas pela Fundação Brasil Central. À direita Ministro João Alberto Lins de Barros, Presidente Getúlio Vargas, Ministro da Guerra Mal. Eurico Gaspar Dutra e repórteres da Revista Manchete, em Aragarças.

Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Ilustração: Construção do aeroporto



Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Construção do aeroporto Salgado Filho em Aragarças em 1943, com pista de pouso definitiva. Trabalhos realizados sob a administração do Dr. Manoel Rôxo da Motta. Na falta de mão de obra na região a Fundação Brasil Central arregimentou os garimpeiros para os trabalhos de derrubada das árvores do cerrado e aplainamento do solo.

Ilustração: Inauguração do aeroporto

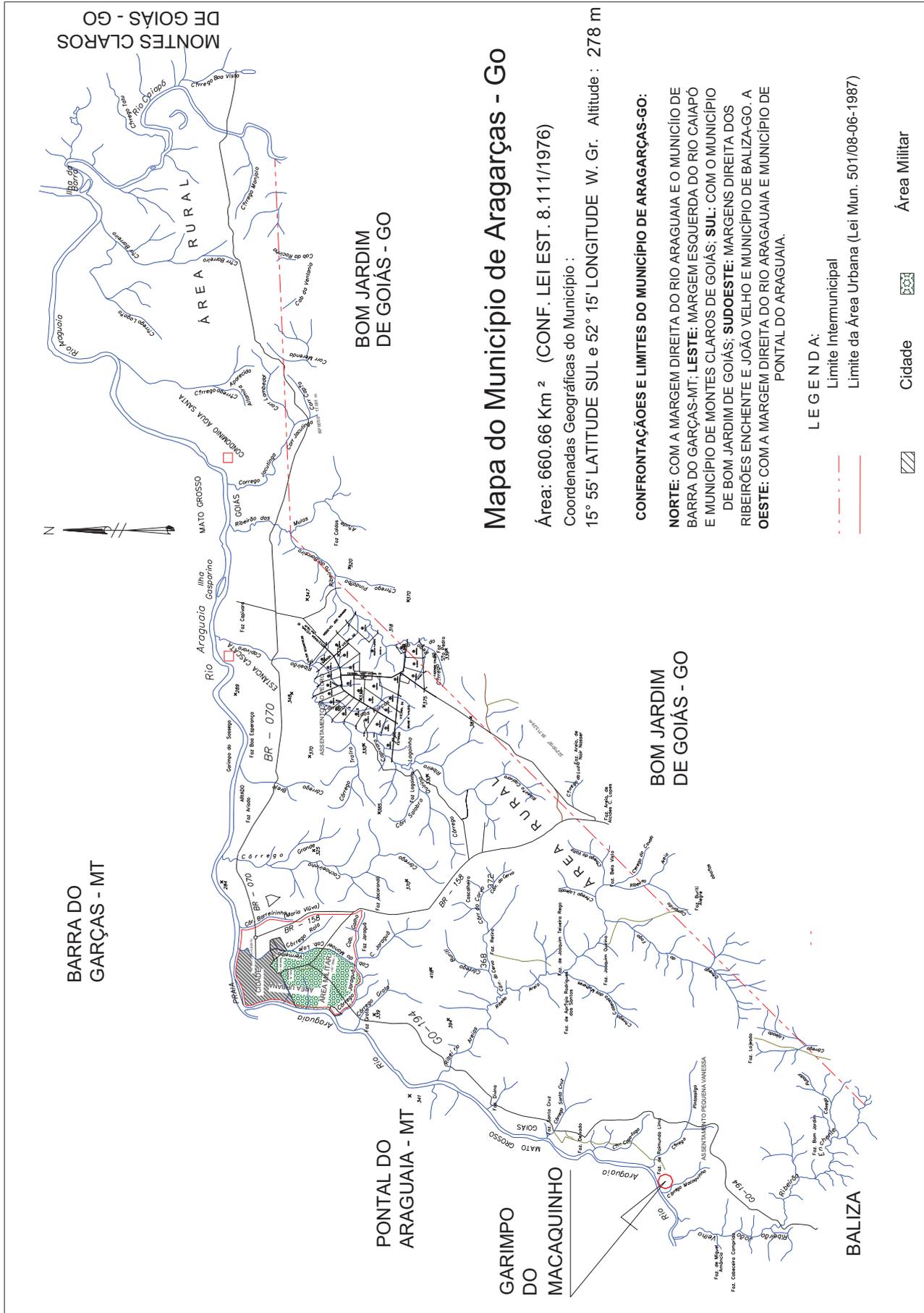


Fonte: Acervo de Zelia dos Santos Diniz

Inauguração do Aeroporto de Aragarças pelo Presidente Juscelino Kubistchek.

O aeroporto recebeu o nome de Salgado Filho e posteriormente foi rebatizado com o nome de Cid Lana.

Ilustração: Mapa do Município de Aragarças



Capítulo II - Crônicas do Garimpo

Na década de 1990, a onda de garimpo de pedras preciosas ressurgiu tomando conta da região do Vale do Araguaia, mais precisamente no Município de Aragarças - Goiás, lugar conhecido como Macaquinho. Para o garimpeiro é gratificante quando se acha uma pedra de diamante na lavagem do cascalho retirado com muito cuidado e sacrifício através da força dos motores que o joga nas resumidoras¹ e nas bicas com grades, possibilitando aferrar um diamante, sendo ele pequeno ou grande. De certa forma, a vida de garimpeiro é divertida, às vezes ele bamburra², muitas vezes queima³, mas o espírito aventureiro está sempre presente em sua vida.

Nos dias de lida, durante a semana, o sono chega cedo da noite, e no dia seguinte acorda-se de madrugada para enfrentar os grandes desmontes de terras barrentas que, juntamente com a água, chega à maraca⁴ do cano chupão⁵, responsável por engolir todo o tipo de lama com sujeira, enquanto isso, o maraqueiro⁶ está com a água até a cintura, atento ao alto barranco atingido diretamente por um jato de água, puxada por motor localizado à beira do rio. Porém, esse é um processo constante na vida do garimpeiro de grupiara, que almeja na verdade retirar toda terra para alcançar um cascalho cremoso⁷ de formas diversas, principalmente as ferragens, pedra que quando abundante, é sinal certo de diamante.

Passa-se o dia, todos exaustos, voltam para os barracos de palhas ou pau-a-pique, depois de um bom banho no Rio Araguaia. Então, cai à noite, se ainda tiver ânimo, o garimpeiro arrisca uma disputa no jogo de baralho no barracão, ou então uma pescaria a luz de lanterna para garantir o almoço do dia seguinte. Senão, uma alternativa é a reunião com os vizinhos para ouvir e contar histórias, piadas ou causos de garimpeiros sob o luar.

¹Resumidora: Máquina criada para segurar e selecionar o minério.

²Bamburra: Ato de achar metal precioso de grande tamanho/ou em grande proporção.

³Queima: Muito tempo sem achar o minério.

⁴Maraca: Estrutura circular de metal com grade, que acoplada na boca de um cano chupão, serve para evitar o entupimento.

⁵Cano chupão: Cano posicionado dentro d'água para tragar terra e cascalho.

⁶Maraqueiro: Pessoa que segura a maraca dentro d'água evitando o entupimento do cano chupão.

⁷Cremoso: Cascalho bonito composto de variedades de formas.

É importante ressaltar que, onde predomina a abundância do minério, o progresso na economia do município e região é garantido, pois o dinheiro circula proporcionando à comunidade condições facilitadas para adquirir imóveis e bens que venham dar mais qualidades de vida aqueles que até então eram carentes e necessitados. Diante disso, todo garimpeiro tem plena consciência de que o garimpo proporciona surpresas tanto boas, quanto ruins. Ao mesmo tempo em que a região está vivendo na bonança, repentinamente, pode cair em decadência por algum tempo devido à queima, ou seja, a falta do diamante, que conseqüentemente levará a comunidade a padecer por necessidades básicas.

O garimpeiro considerado homem aventureiro, sempre encontra uma saída para os momentos de dificuldades. Na falta de alimentos, existem vários recursos que a própria natureza proporciona; o principal, que se pode usufruir é a pesca nos córregos, rios, ribeirinhos e lagoas próximas do garimpo; ou então da caça de aves e animais, garantindo, muitas vezes, alimento por muitos dias. Sem contar, as raízes de plantas, mandioca, palmito da guariroba ou do babaçu, muito utilizados como complemento de um ensopado de carnes.

Segundo Marina de Andrade Marconi:

A palavra garimpeiro deriva de grimpeiro, pois no período colonial garimpeiro era “aquele que exercia a mineração furtiva, clandestina do diamante, e mineiro, o trabalhador que se encontrava legalmente em atividade nas minas de ouro, de diamante e de cassiterita. O garimpeiro recebe também as designações de minerador, lavrista, meia-praça, conta-própria, curau (calouro) e diarista (MARCONI, 1978, p. 47).

Em sua obra “Garimpos e garimpeiros”, Marconi afirma que estes

tem sido mencionado quase que exclusivamente em seu aspecto negativo: Se uns declaram sua irresponsabilidade aliada aos vícios do jogo, da bebida e da boêmia, outros lembram sua situação dramática de desamparo, miséria, desnutrição e promiscuidade. Para muitos, o garimpeiro é sinônimo de aventura, de ambição e de nomadismo, vivendo da esperança – muitas vezes vã – de descobrir a pedra que o libertará de suas aflições permanentes. A grande maioria o vê como indivíduo profundamente supersticioso (MARCONI, 1978, p. 7, 8).

Segundo o Sr. Antonio Firmino da Silva, garimpeiro a mais de 20 anos, nos finais de semana, por certo havia o jogo de futebol, a disputa animada e acirrada dava-se entre o time do garimpo do Macaquinho contra o do Careca. Era necessário que os atletas do Macaquinho percorressem um trecho de oito quilômetros a pé, o caminho de trieiros⁸ passava pelo córrego do João Velho rumo ao Araguaia acima. Quando chegavam, nem percebiam o cansaço, pois a euforia da torcida em volta do campo, ansiosa para iniciar o jogo, deixava os jogadores mais animados e com vontade de golear o time adversário. Geralmente, essas disputas tinham como resultado a vitória do Macaquinho, que mesmo percorrendo oito quilômetros para jogar, fazia bonito e vencia a maioria dos jogos. Na volta, geralmente com a alegria de vitória, já escurecendo, passavam no bar do fazendeiro⁹ para comprar dois ou três litros de cachaça e comemorar a vitória no caminho, por sinal, uma verdadeira aventura. Debruçavam os litros de pinga sobre a boca e dirigiam-se para a mata adentro, gritando, rindo, contando piadas, cantando em plena escuridão, às vezes caindo, às vezes em pé, momentos correndo. O sentido da direção correta ficava por conta daquele garimpeiro mais lúcido ou pelo clarão da lua cheia. Quando chegavam, mal se tomava um banho na beira do rego d'água próximo aos barracos e caíam como pedras na tarimba¹⁰ por estarem bêbados e cansados. No dia seguinte vinha a ressaca, mas tudo valia à pena.

O Sr. Joaquim José Santana, conhecido como Paraíba, nascido em 13 de maio de 1940. Hoje com 70 anos, já está no garimpo há uns vinte anos. Em seu depoimento relata que vive no garimpo do Macaquinho e que em seu barraco constantemente aparecia um homem negro próximo às redes de dormir ou nas cabeceiras das tarimbas (camas). Ele aparecia durante a noite e quando isso acontecia o diamante sempre aparecia, mas quando parava o diamante também cessava.

⁸Trieiros: Estrada estreita freqüente em fazendas e garimpos.

⁹Fazendeiro: Dono da propriedade de terra onde se localiza o garimpo.

¹⁰Tarimba: Cama de madeira rústica forrada com pau de babaçu, espécie de palmeira da região.

Segundo o Sr. Joaquim, depois de alguns anos, o garimpo foi interditado pelo IBAMA, causando transtornos e tristeza a muitos garimpeiros que foram obrigados a deixarem tudo e irem embora para cidade. “Eu continuo aqui porque acostumei viver no mato e exploro o garimpo de monção que não joga despejo no rio. Gosto de morar aqui, pois temos liberdade e não vivemos a mando de ninguém. Não vou sair daqui mais, só quando morrer”.

Afirmou que certo dia pegou uma pedra de 08 (oito) quilates, maior que um grão de feijão e branca como gelo. Então gostou e por essa razão está no garimpo até hoje.

Em seguida disse que o capangueiro é um homem que sabe tirar proveito da necessidade e da situação que o garimpeiro sofre. O diamante pode ser muito bom, branco e sem sujeira ou manchas, mas o comprador, ao analisá-lo começa a colocar defeitos detalhados no objetivo de conseguir o menor valor na mercadoria. “Quando se pegava muito diamante, o capangueiro vinha até aqui no garimpo comprar. Mas quando a produção era pouca ele ficava esperando o garimpeiro na cidade. O capangueiro geralmente chegava a ganhar mais de 50 ou 60% em cada diamante comprado”.

Também ressaltou que no garimpo do Macaquinho existe um cemitério, onde sepultavam as pessoas que moravam ali. Podiam ser garimpeiros, mulheres de garimpeiros, parentes e crianças. O cemitério existia porque o garimpo ficava a 45 km da cidade, com estradas de difícil acesso e muitos não tinham condições de custear o traslado e preparativos do corpo para o velório e sepultamento na cidade. Outro motivo era a existência do grande número de garimpeiros que viviam sozinhos e longe dos familiares. Quando morriam, eram sepultados como indigentes ali mesmo no garimpo.

Expressou seus sentimentos afirmando que é muito bom viver no garimpo e estar em meio à natureza, mas também é um lugar que exige cuidados, pois viviam ali pessoas estranhas de diversos lugares do País. “Sabemos que todo cuidado é pouco, principalmente quando se acha uma pedra grande, bonita e pura. Existem nos garimpos, maus elementos que se infiltram com intuito de ficar observando e achar oportunidade para roubar e até matar. Mas posso afirmar que na maioria os garimpeiros são unidos, confiantes uns nos outros, humildes e solidários, moram próximos e se alguém precisar de ajuda não fica desamparado”.

Alegou ter recordações que na época, quando pegavam muitos diamantes. A influência do garimpo era forte, a região e as cidades eram movimentadas, os comércios

eram cheios de pessoas e nos finais de semana iriam para a cidade gastar o dinheiro. Quando bamburrava, o garimpeiro comprava moto e até carro.

“Aqui no Macaquinho chegou a ter 800 homens trabalhando com dragas, motores e manuais. Isso porque na década de 1970 surgiu uma mancha que chamou a atenção em todo o Brasil. É época em que os garimpeiros enchiam picuás e até litros de diamantes, boatos que ouvimos até hoje”.

O Sr. Luiz Francisco da Paz, conhecido como cearense nascido em 11/10/1948, hoje 62 anos, declarou que pela experiência adquirida ao longo dos 40 anos no garimpo, o homem garimpeiro em sua maioria não pensa em acumular riqueza, pois tudo que ganha na venda de diamantes, separa uma parcela para garantir as despesas básicas e a outra parte costuma gastar com bebidas e mulheres. Muitos defendem que o importante é viver o presente e aproveitar os momentos bons da vida com festas e diversões. Por isso, muitos garimpeiros acabam na pobreza. Mas isso pode depender da pessoa com quem esteja o dinheiro, se é uma pessoa que possui visão futura de crescimento financeiro ou se é uma pessoa que não pensa em crescer e investir o capital e utiliza para gastar com bebedices e festas, sem pensar nas conseqüências futuras. Mas, afirmou que algo estranho existe sobre o dinheiro que vem dos garimpos, pois é garimpeiro há muitos anos e nas suas andanças e experiências pôde perceber que realmente existe uma força negativa e contrária a prosperidade do garimpeiro.

Destacou que no garimpo se relacionam com pessoas de muitos estados do Brasil. E essa convivência pode ao mesmo tempo gerar efeitos positivos ou negativos. Quando se trata de discordância de idéias sobre aspectos culturais, isso dificilmente acontece porque acima de tudo o povo brasileiro é solidário, humilde e trabalhador.

Alegou estar satisfeito por até aqui ter conseguido viver como garimpeiro, pois é o que mais gosta de fazer e se sente bem trabalhar do seu jeito, da sua maneira, sem agüentar enjoeira de patrão. “Aqui a vida é tranqüila e por mais que passamos necessidade, somos um povo feliz e contente por termos paz e liberdade. A única coisa que me deixa preocupado é de saber notícia de minha família ou de encontrá-la para matar saudades”.

Com feição triste disse que sua família ficou no Ceará. Já vai fazer 20 anos que não tem notícia de alguém. Quando saiu de lá não tinha condições de trazer ninguém, pois a situação financeira não permitia. Então saiu sozinho direcionado na época por notícias de garimpos no estado de Goiás e veio para essa região com o pensamento de ganhar muito dinheiro e voltar para buscar sua família. Mas até hoje, isso não foi possível porque ainda

não encontrou um diamante que desse o dinheiro suficiente para realizar esse sonho. “Quem sabe um dia Deus possa me dar essa oportunidade”, exclamou o Sr. Luiz Francisco.

2.1 - Garimpo: O sonho, as aparições e o modo de viver

No contexto vivido pelo garimpeiro todo sonho que se sonha volta-se para garimpo. Cada um conta e ao mesmo tempo os interpreta como algo real: encontrar diamante nos próximos dias ou, por muito tempo, não haverá pedra preciosa no seu picuá. Entre essas muitas histórias, contava-se a das aparições do chamado negão, segundo diziam, esse personagem aparecia no barraco durante a noite e ficava de pé olhando para os garimpeiros que dormiam. Segundo as crenças do garimpo, onde as aparições são constantes, há muitos minérios, pois atraem as assombrações.

A mineração, ou seja, os garimpos são alvos de estranhas aparições, segundo o que dizem as lendas, aparecem almas penadas de pessoas que morreram em conseqüências de violência, traições ou que tiveram a vida marcada por injustiças, sofrimentos e humilhações, pois são espíritos atormentados em busca de reparações que abrissem as portas dos céus para eles. No entanto, com esses sinais sobrenaturais, adivinhação e sonhos, o garimpeiro passava a compreender a variação dos lugares por onde passava o leito do rio no passado. Segundo ele, acreditava que os espíritos de mortos apontavam as pessoas humildes o lugar certo em que encontravam ouro e diamantes, pois este exercia tal força magnética sobre os homens e que essa atração geravam as aparições de espíritos que por sua vez apontavam o lugar certo da boa cata.

Nos garimpos mais antigos e tradicionais, era de costume ter um cemitério para sepultar tanto garimpeiros ou membros de sua família. Principalmente, se o garimpo fosse muito distante da cidade, pois é um ambiente composto de alegrias, tristezas, solidão, intrigas, destruição da natureza e perigo. O garimpo é um lugar de múltiplas diferenças e particularidades que possibilitam como resultado as sociabilidades, permeável por vivências de homens cheios de sonhos e esperanças, que buscam sofridamente uma vida melhor, simbolizada pelos minérios preciosos. Diante da situação negativa da queima, continuam na labuta e na esperança de quem sabe um dia seus objetivos se concretizem. Muitos até se acostumam viver na pendenga¹¹, satisfazendo-se apenas com a bóia¹² e permanecendo como um aventureiro do destino.

Dentro da linha de estudos sobre os sonhos, sendo uma realidade levada a sério no contexto do garimpo, entende-se este como um campo voltado para o imaginário onírico, responsável na alimentação de expectativas futuras que torna o homem mineiro um ser de persistência e de otimismo. É nessa perspectiva que José de Souza Martins em sua obra (DES)FIGURAÇÕES: a vida cotidiana no Imaginário Onírico da MetrÓpole (1996, 13), procura evidenciar que “Os sonhos constituem o espelho que revela os embates que nos desfiguram e revelam, portanto, o que efetivamente somos a nossa alienação”.

O sonho aqui possui um significado singular que exprime formas de se libertar das opressões enfrentadas no cotidiano, momento de liberar os desejos, as fantasias e até mesmo o proibido. No entanto, o sonho é outro mundo que permite o imaginário exercer símbolos e situações impossíveis e irrealizáveis na vida real.

Portanto, é importante destacar que não existe garimpeiro sem sonho e tão pouco garimpos sem sonhadores. Tanto podem ser considerados os dois significados de sonho, que pode ser o onírico no qual aparecem como símbolos no sonho durante o repouso e aquele sonho de vida, ou seja, os objetivos que impulsiona esse homem a continuar lutando por dias melhores e conseqüentemente pelas conquistas futuras.

Para o garimpeiro, considerado um homem comum, o sonho sempre carrega um significado essencial por fazer ligação com a atividade garimpeira, e por essa razão, o mesmo se encarrega de contar e interpretar seu sonho, utilizando para isso sua experiência de vida, seu mundo, sua cultura. Interpretação essa, voltada para o senso comum, pois não os analisa cientificamente e busca nas representações coletivas uma justificativa do seu próprio sonho. Diante disso, José de Souza Martins destaca que:

Florestan Fernandes, num estudo sociológico pioneiro sobre sonhos de habitantes da cidade de São Paulo, no início dos anos quarenta... que o sonho é, para o homem comum, mais do que o sonhar. Para o homem comum, o sonho não se separa da interpretação do sonho. Sociologicamente, o sonhador é o interpretável... porque o individuo se utiliza, nessas circunstâncias, de representações coletivas e a interpretação do sonho aparece como um fenômeno social, estando mais em função da cultura do grupo, que do próprio individuo (MARTINS, 1996, p. 17, 18).

¹¹Pendenga: Necessidade das coisas, falta de dinheiro.

¹²Bóia: Comida, refeição.

Assim, o imaginário onírico possui uma influência dentro do processo de compreensão das realidades sociais, que contribui como apaziguador das situações conflituosas no contexto da vida coletiva.

O objetivo é evidenciar por meio dos conceitos de representações imaginárias, a vida do garimpeiro no Vale do Araguaia, processo histórico de ricas experiências contidas na identidade do garimpo de pedras preciosas. Nesse sentido, essa pesquisa objetiva tornar público as formas de vida que o garimpeiro leva em seu habitat, seus costumes, seus ritos e crenças. Campo esse, até então, pouco explorado pelos historiadores brasileiros, mas que conseqüentemente nos proporciona contribuir para a futura ampliação dessa área de conhecimento, apontando caminhos e horizontes para os estudos e pesquisas científicas por meio das fundamentações teóricas específicas nessa área da História Cultural, que somado as crônicas do garimpo, passa a enriquecer a nossa historiografia no sentido de contribuir para a desmistificação de idéias preconceituosas sobre o garimpo e o garimpeiro.

Percebe-se, com a somatória dos hábitos, usos e costumes, a representação de um ofício diferente, cujo praticante não possui definido rumo, nem destino fixo, personagem nômade do minério, deixa a família, abandona a vida urbana, para se entregar ao enigma do garimpo. Lugar cheio de mistérios, surpresas, o homem das incertezas, que busca encontrar a preciosidade do seu ideário. Dizem dele que “está caçando o que não perdeu”, esse homem, uma vez em contato com o minério, cada vez mais é atraído e fascinado, o que o leva a continuar na lida por muito tempo e muitas vezes até o fim de sua vida.

Está, portanto, nesse abandono da família e da vida urbana pelo garimpo o fundamento do dizer popular de que “é fácil um homem virar garimpeiro, mas é difícil um garimpeiro se tornar homem”. Isso, não no sentido de gênero sexual, mas por deixar toda uma vida muitas vezes constituída por famílias, para se entregar a uma rotina desafiadora na busca de novas aventuras.

Diante do exposto, percebe-se que, a vida no garimpo e do garimpeiro, pouco tiveram importância aos escritores da história factual, mas agora passa a integrar as novas vertentes dos estudos e pesquisas da Nova História Cultural, pois esta é destacada por Lynn Hunt como um novo paradigma que passa a ver com outros olhos outras culturas consideradas discriminadas dentro dos estudos científicos:

Os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres (HUNT, 1992, p.2).

O mundo do garimpo pode ser dividido em três etapas de representações. Sendo a primeira caracterizada pelo homem dissoluto, esse que vive como devasso buscando satisfazer seus desejos em festas, bordeis e cabarés se prostituindo e o dinheiro que tem é esbanjado rapidamente. Esse homem tem a sede de conquistar, de avançar os limites e com esse objetivo trava uma busca constante a procura do minério que tanto o fascina.

Ubirajara Galli, em sua obra “A História da mineração em Goiás”, ressalta as idéias defendidas por Epiphanyo Bezerra, que traça o perfil sociológico do garimpeiro e afirma que:

este é o homem obcecado pela idéia de “liberdade” de ação, indo e vindo, de um recanto a outro do Brasil central, sem destino certo e orientação segura, na ânsia de encontrar o minério á flor da terra. Enfatiza que ele não pertence a nenhum Estado do Brasil, geralmente ele é o “baiano”, donde quer que proceda. Sujo, todo coberto do pó, cabelos empastados em desalinho, inimigo do trabalho organizado e produtivo, ele é o flagelo da lavoura, criando a escassez do braço trabalhador; é o “inventor” da vida encarecida das regiões que infesta (GALLI, 2005, p.53).

A segunda característica é a representação do homem heróico e aventureiro cujo contexto é cheio de imprevistos e na busca pelo diferente enfrenta de forma simplista os fenômenos da natureza. É o homem de garra, de luta, que labuta no sol, na chuva, à noite e se possível desafia a correnteza das águas, os animais ferozes e até as assombrações. Vive vagando como nômade a procura de melhorias de vida e busca incansavelmente a riqueza, a liberdade com a natureza, à esperança de uma vida melhor. Esse é o homem que leva a vida buscando os desafios.

Na época do apogeu dos garimpos, esses homens aventureiros tinham sempre visitas das mulheres prostitutas que iam até os garimpos, mesmo que fossem distantes, quando sabiam que em algum lugar surgia mancha¹³. Pois o metal precioso em abundância era sinal de festa e muito dinheiro. Ao chegarem a um garimpo armavam suas tendas ou faziam suas barracas com intenção de passar ali alguns dias e ganhar dos garimpeiros uma boa quantia em dinheiro. A presença dessas mulheres nos garimpos provocava um clima de euforia e diversão entre os garimpeiros solteiros, devido estes, de costume, ficar muitos dias sem irem à cidade e não terem contato com mulheres. Assim, quando estavam endinheirados, a maioria se embebedava e motivados com a presença feminina, começavam a gastar descontroladamente todo o dinheiro, sendo que a maior parte ficava nas mãos das mulheres prostitutas, que depois de deixar o garimpeiro na pindaíba, voltava para a cidade com o capital suficiente para se manter por alguns meses.

Já a terceira representação está relacionada ao sonho, que simboliza para o garimpeiro algo valoroso, pois se trata do sobrenatural que acontece para esse homem como forma de previsão das coisas futuras boas ou ruins, principalmente dentro do contexto do garimpo. Dentre os sonhos, faremos referência ao que nos relatou o garimpeiro Sr. José Joaquim Santana, o Paraíba, afirmando que no cenário no qual existem representações simbólicas consideradas pelos garimpeiros como favoráveis a cata de minérios, destaca tais como o sonhar com animais brancos como vacas, ovelhas, peixes, pássaros e outros. Mulheres ou moças bonitas nuas, crianças recém-nascidas, sonhar com o sol radiante, a lua e as estrelas, onde no onírico o sonhador esteja em relacionamento ou em contato com tais símbolos.

Os sonhos considerados como previsão negativa, interpretados pelo homem garimpeiro como situação de queima (muito tempo sem pegar minério), desastre, morte, decepções, obstáculos e confusões, geralmente são ligados aos animais tidos como traiçoeiros, como lobos, cobras, onça, sapos e outros. Sonhos com caixão, defuntos, ainda mais se essas representações do sonho estiverem relacionadas com o lugar em que o garimpeiro esteja inserido.

¹³Mancha: Minério em grande proporção

Certo dia, conta seu José, que seu parceiro de trabalho sonhou que estava em um rego d'água cercado dois peixes matrinxãs grandes e brancos. Mas ao cercá-los, um escapou por entre as pernas e conseguiu pegar o outro. No outro dia cedo, começou a relatar o sonho e ao mesmo tempo interpretá-lo, dizendo que estava perto de achar uma grande pedra de diamante e quem iria encontrá-la seria ele. Na mesma semana estavam garimpando no manchão devido o rio estar cheio, quando o motor parou de puxar o cascalho em razão de ter entrado ar no cano da maraca. Derrepente começaram a xingar, pois quando se interrompe bruscamente uma mandada de cascalho, corre-se o risco de jogar diamante fora da Bica¹⁴. Já que tinha parado, gritou Altamiro nervoso, “vamos despescar¹⁵”. Dois companheiros pegaram os carumbés¹⁶ e foram em direção a Bica e nesta estava outro colega garimpeiro retirando as grades e com a pá começou a encher de um a um, partindo em direção a um pequeno monte de cascalho, em baixo de uma árvore. Derrepente ao despejar o cascalho no monte, brilhou algo estranho aos olhos de Altamiro que pensou, “deve ser feijão reluzente¹⁷”. Voltou para buscar mais cascalho e com isso os outros garimpeiros coincidentemente não viram e nem jogaram cascalho por cima daquele lugar. Ao voltar com mais uma viagem, aquilo brilhou com mais intensidade ainda, então despertou em Altamiro uma curiosidade, e no mesmo instante passou o dedo indicador direito para descobrir o cascalho e ver o que estava ali. Ao passar o dedo por três vezes conseguiu visualizar algo espetacular, então a emoção era tanta que enterrou a mão de uma vez no cascalho e segurou firme e começou a gritar sorrir, chorar, pular, jogar o boné no chão e com a mão direita bem fechada dizia com euforia “falei! falei! que nós íamos pegar, aqui está aqui está”. Todos ficaram atônitos observando, querendo saber qual o motivo de tanta euforia, então gritou novamente “estamos ricos, pegamos uma pedra!”, na gargalhada, foi então que nos mostrou aquela linda pedra preciosa de 08 (oito) quilates¹⁸, branca como neve. A alegria contagiou a todos e foi saudado com abraços, quando ordenou naquele instante parar todas as atividades e voltarem para o barraco e no outro dia irem à cidade com o fazendeiro no objetivo de vender a pedra.

¹⁴Bica: Estrutura de ferro composta de caixa que amortece a água com o cascalho e canaleta com pequena inclinação com grades fixadas para segurar os diamantes.

¹⁵Despescar: Ato de retirar o cascalho da bica.

¹⁶Carumbés: Tacho pequeno utilizado pelo garimpeiro para carregar cascalho.

¹⁷Feijão reluzente: Pequena pedra brilhosa que compõe a forma do cascalho.

¹⁸Quilates: Nome que especifica a pesagem do diamante.

Enquanto isso, no barracão criou-se um clima de festa, de confraternização, prepararam um jantar caprichado e com a notícia, os vizinhos próximos se reuniram para juntos compartilharem a alegria do achado.

O que não poderia faltar naquele momento, mandou comprar, a tal da cachaça, uns tomando, outros não, mas todos felizes e assim foi à noite a fora contando causos e piadas. Mais tarde, quando se aquietou a euforia, nem dormiram direito, pois existem no garimpo, elementos de maus intentos que vivem ali somente para observar e maquirar o mal ao próximo no qual já ouviram falar em fatos verídicos de indivíduos que mataram para roubar o minério. Como o diamante era considerável, procuraram naquele restante de noite ficar atentos, com uma espingarda cartucheira carregada. Mas, felizmente nada aconteceu de ruim e seguiram rumo a cidade para vender o diamante, finaliza o Sr. José Joaquim Santana.

Ficam então na lembrança, as experiências e o aprendizado pela trajetória de vida que o espaço do garimpo proporciona. São fatos que remetem a uma imaginação minuciosa do cotidiano, das características originais e detalhadas que fazem parte do local desde o trajeto da cidade até ao campo onde se localiza os garimpos com seu recinto composto de barracos de palha e pau a pique, das catras e das matas escuras e perigosas.

A estadia do mineiro ao ir a cidade é curta, geralmente para realizar a feira do mês ou meses, de acordo com as condições financeiras. Se não tem condução, freta uma caminhonete, compra suas mercadorias e ferramentas, tempo suficiente para ficar ansioso e voltar em busca dos sonhos. No caminho se depara com estradas com percursos arenosos e encascalhados, ladeiras enormes que dão acesso a córregos de águas cristalinas com pontes feitas de troncos roliços de árvores, outros se passavam por água. Viagem suficiente para perceber a vegetação do cerrado, habitat preferido da cutia e do tamanduá bandeira, que não se hesita em atravessar calmamente a estrada a procura das formigas, cupins e outros insetos. Animais que se encontram constantemente passeando ou cirandando em seu mundo na busca do cumprimento da cadeia alimentar. Diferente não é a Iambú de quem avisa estar ali ao entardecer com seus cantos. O tatu que aparece repentinamente no trajeto, que pode se tornar almoço se não tiver sorte. O jacu, uma ave bonita que voa baixo e são alvos fáceis para caçadores aparece no entardecer. A seriema vem da mata para a estrada ao amanhecer quebrando o silêncio com seus cantos tristes, Dessa essa maneira se vai pela viagem contemplando o crepitar das pedras nos pneus do carro, os pastos secos, as vacas magras no verão; algures, em algum trecho sente-se o odor de carniça das carcaças de

vacas mortas já em decomposição; é a magrém devido à falta de pastagens, conduzindo. No período chuvoso é confortável ver o cerrado que se renova. E após a chuva vem o cheiro da terra vigorosa a produzir seus frutos. Próximos aos curais paira o cheiro do esterco dos animais e sem contar com as pastagens que ganham vida, servindo de alimento ao gado.

O cerrado da região proporciona a produção de variedades de frutos nativos do campo, que além de ser útil na alimentação dos animais selvagens, serve de matéria-prima para a produção de doces caseiros, bolos, sorvetes e outros produtos que fazem parte da culinária regional.

Ao findar o destino da viagem e adentrando ao espaço minerador, o contato real com a natureza acontece, pois no garimpo geralmente há uma diversidade que proporciona um constante relacionamento entre os homens e os animais. É presente nesses recintos, a criação de porcos, galinhas, gados e carneiros como meio de garantir a subsistência dos mineiros nas horas mais difíceis da lida.

A terra explorada pelas máquinas por mãos de homens vão cedendo espaço a construções de túneis profundos com crateras acessíveis a extração do minério. Aquilo que antes era superfície normal, composta de variedades de árvores, vai se transformando em imensos buracos que futuramente formam-se em lagos e represas. Em nenhum momento esse homem reflete sobre os prejuízos causados a natureza, mas apenas se importa com a ambição de buscar a qualquer esforço a melhoria de vida.

Por outro lado, alguns aproveitam o espaço próximo aos barracos, para cultivar verduras, legumes e mandioca como complemento alimentar diário.

A vida do homem do minério, cheia de andanças, hoje aqui, amanhã acolá, sem apego ao lugar, nem com quem compartilhar, muitas vezes na solidão e expectativas esgotadas, pega a matula¹⁹ e desaparece nas glebas²⁰ em busca de outro lugar que possa renovar as esperanças. Pois a vida não é assim só de momentos bons, mas perambular em busca desse tão falado e famoso minério, é uma verdadeira aventura, às vezes se ensina, outras se aprendem com os outros e com a vida.

No processo de extração do diamante existem as etapas de desmonte da camada de terra, que com a água se derrete e se transforma em lama conduzida ao despejo por um cano chamado maraca. Esse barranco é destruído com a força de um jato que pressiona a água de tal modo que sai com uma enorme pressão capaz de derrubar um homem.

Ilustração: Garimpo em Peixoto de Azevedo, no Norte de MT



Imagem mostra como ocorrem os trabalhos em garimpo de desmonte.

Os mangotes são acionados levando a água dos rios para fazer os barrancos desmoronarem e descobrirem o cascalho que contém os diamantes.

Fonte: Acervo do autor

A terra em lama se transforma escorregando no declive direto para o chupão que conduzirá até o despejo ao passar pelas pernas dos garimpeiros, chegando até um poço de água suja, composta de galhos, ramos, raízes e ciscos flutuantes em volta da cintura do maraqueiro, função mais difícil, que permanece todo tempo com o corpo envergado, agachado, que provoca diretamente a coluna vertebral. A sujeira paira sobre a água lamenta e envolve diretamente na bermuda do maraqueiro e concentra-se nela de forma que começa a causar insatisfações, coceiras e irritações nos membros inferiores.

Outra etapa é denominada de quebra de cascalho, processo que ocorre depois que tira toda a camada de terra até chegar à espessura de cascalho que geralmente mede de 30cm a 6mt de altura. Esse cascalho então é quebrado com picaretas²¹ e alavancas²² deixando solta toda a camada que desce deslizando em direção a maraca. E no percurso são retiradas as pedras maiores com uma espécie de ferramenta chamada garfo gigante manuseado por dois ou mais garimpeiros.

Dentro da catra, enquanto se houve o estalar da alavanca e o crepitar das pedras que vão ao destino até a bica ou resumidora, máquinas responsáveis por segurar e selecionar os diamantes, seja eles grandes ou pequenos.

¹⁹Matula: Objetos particulares de uma pessoa.

²⁰Gleba: Terreno próprio para a cultura, torrão; dizeres que significa “sumiu no mundo”.

²¹Picareta: Instrumento de ferro para escavar, arrancar pedras.

²²Alavanca: Barra de ferro que serve para cavar o solo, mover ou levantar objetos pesados.

Além disso, toda retirada de cascalho exige cuidado para não jogar fora o diamante, pois isso depende da quantidade de forma, ou seja, de satélites. Quanto maior é a forma, menor é o tempo de mandada de cascalho para a bica e o garimpeiro é conhecedor de que muitos satélites podem jogar fora o minério e assim evita que isso possa acontecer. Em meio à quebra de cascalho pode-se deparar com os emburrados pequenos ou grandes, que para o garimpeiro são importantes por acreditarem que o diamante possa estar escondido ou recantiado junto a estes.

A última etapa é a lavada do cascalho na peneira, processo pelo qual é o mais desejado e esperado, pois é o resumo de todo o trabalho e o momento de entrar em contato direto com o minério, fato marcante e fantástico para o garimpeiro.

A vida no garimpo ao mesmo tempo que surpreendente é espaço perigoso que requer cuidados e atenção as ações e atitudes nos relacionamentos sociais e exige de certa forma um respeito mutuo dentro da comunidade, pois se algum homem desobedece as regras estabelecidas, o mesmo é obrigado a abrir unha²³ sem contestação. Outro indivíduo que não tem voz nem vez nesse recinto é o conhecido come quente²⁴, que escora sua responsabilidade nos outros e quer usufruir dos mesmos direitos. Geralmente é o mais conversador e o que chega primeiro nas panelas para aproveitar dos melhores pedaços de carne. Em todos os garimpos não falta o cural²⁵, homem inexperiente no ofício que decidiu fazer parte do grupo. Por outro lado, nesses lugares, existem aqueles pessimistas que alegam tudo não dar certo e vivem descabreados²⁶ pelos cantos sem saber o que fazer. O faisgador²⁷ está nesse meio classificado como aquele homem que pratica o garimpo só nos finais de semana e feriados, utiliza-se os dias da semana para se dedicar a outro ofício.

As atividades do garimpo interessavam muitas pessoas de vida estabilizada na cidade, que não exercia diretamente a função, mas entrava como fornecedor²⁸ de terceiros, custeando todas as despesas de materiais e gêneros alimentícios mensalmente.

²³ Abrir unha: Fugir, afastar-se

²⁴ Come quente: Indivíduo que não faz nada e quer ter os mesmos direitos dos outros.

²⁵ Cural: Garimpeiro novato, inexperiente, calouro.

²⁶ Descabreado: Falta de ânimo, Sem rumo.

²⁷ Faisgador: Garimpeiro de fim de semana; garimpa aos sábados, domingos e feriados.

²⁸ Fornecedor: Dono do garimpo ou empreiteiro, sócio do garimpo.

Mas ao pegar um diamante, o garimpeiro dividia o lucro em 50%, atividade conhecida como meia praça. Este ofício geralmente induzia a muitos mineiros a ficarem infusados²⁹, ou seja, faziam compromissos financeiros e por não conseguirem êxito na busca de minério, não conseguem cobrir a dívida nos comércios locais. Motivo que leva esse homem a não voltar à cidade enquanto não conseguir o montante para saldar a dívida.

Por ser um lugar que não limita acesso e conhecido por terra sem lei, os garimpos são freqüentados por aventureiros conhecidos por pau rolado³⁰, indivíduos mal intencionados, maliciosos que provocam contendas, divisões e insatisfação entre a comunidade. São elementos dispostos a enfrentar de tudo para tirar proveito de outras pessoas.

Apesar de existirem esses inconvenientes, o garimpo passou a representar para o homem um espaço que simboliza a liberdade, contexto onde reina a harmonia, confiança e união. Lugar que deixa saudades naqueles que conviveram nesse ambiente. O contato com a natureza, que nos traz a memória os cantos dos pássaros ao romper da alva, da seriema que ecoa ao horizonte adentro. Saudades das festas animadas com bailão e muita cachaça para esquentar o clima. Os jogos acirrados de futebol que movimentava todos os garimpos da região. Enfim, os causos, as histórias e as lendas narradas ao relento, com o céu estrelado e a lua deslumbrante.

Por outro lado, sabe-se que, os registros históricos nos afirmam que no início das atividades minerais no Brasil na época colonial, foram marcadas por servidão, brutalidades e exploração da mão-de-obra escrava, que eram dominados por uma classe de Senhores abastados, grandes proprietários de terras, que tinham o apoio incondicional da Coroa portuguesa para administrar os trabalhos de extração mineral. Esses eram conhecidos como coronéis e contribuíam na manutenção e garantia do trabalho servil. Então, podemos concluir na história, que no início da extração mineral, não representava a liberdade do garimpeiro, ela se conquistou com o tempo e com muitas lutas e mortes.

²⁹Infusado: Endividado.

³⁰Pau rolado: Indivíduo sujeito a tudo, sem eira nem beira.

Lá se vai o garimpeiro, mais um dia na labuta. Logo de madrugada está de pé com destino a catra e com desejo de encontrar o minério, caminhando a passo largo para abrir despejo³¹. Enquanto percorre o trajeto realiza o arear dente³². Se encontra o bajerê³³ é sinal de queima certa, trabalho em vão, mas sempre otimista, movido pelos sonhos, recomeça novamente a busca constante, que no batido de roda³⁴ renovam-se as esperanças, não importa, pode ser boca quente³⁵, pode surgir até o bagalhau³⁶ sem resultado, o emburrado impedir o caminho, mas é no batedor³⁷ que se faz a diferença e as vezes até compensa o sofrimento de ter padecido tanto tempo.

Já é plena madrugada e os rancos dos motores das dragas estão ecoando rio adentro, por toda região, pois a dura tarefa de bater água³⁸ é difícil e revezada entre os garimpeiros, que vão de dois em dois no buraco da catra, conhecido como garimpo de grupiara, localizado a beira do rio e todos os dias amanhece cheio d'água. A tarefa é um segurar o cano chupão já com o corpo imerso na água, e o outro encher com rapidez o cano com balde e em seguida correr e ligar o motor enquanto o que está segurando o cano, imediatamente mergulha o mesmo no fundo do buraco para secar a catra. Tarefa essa, que pode durar de uma a duas horas e meia para esgotar toda a água do poço, dependem do tamanho e da proporção de água.

A cateação³⁹ é um fator importante que deve acontecer antes de iniciar a exploração do minério, pois é realizada por meio de uma sonda feita com uma barra de ferro fina, de quatro a seis metros de comprimento, utilizada para introduzir na camada de terra até chegar ao cascalho, se houver.

³¹Abrir despejo: Ato de abrir espaço reservado para jogar a terra ou cascalho retirado da catra.

³²Arear dente: Esfregar lascas de fumo em corda nos dentes.

³³Bajerê: Cascalho que não dá minério, não presta.

³⁴Batido de roda: Movimento rotativo com as peneiras.

³⁵Boca quente: Trabalho braçal difícil, pesado.

³⁶Bagalhau: Cascalho mais grosso que fica na peneira suruca.

³⁷Batedor: Monte de cascalho limpo no formato circular, local onde é debruçada a peneira com cascalho lavado para procurar o diamante.

³⁸Bater água: Ato de secar a catra, retirando a água com latas, carumbés ou dragas.

³⁹Cateação: Ato de pesquisar se o local possui diamantes.

É por meio desse instrumento que o garimpeiro procura saber se o local realmente possui cascalho ou não, quando a sonda ao bater no fundo emite sons e estes já são conhecidos pelo mineiro, se é cascalho ou piçarra⁴⁰. Outro instrumento de valor é a caneta⁴¹, que manuseada pelo garimpeiro percorre passo a passo, com cautela, todo o globo de esmeril⁴² até alcançar a forma, círculo menor de cor escura no qual concentra os vários tipos de satélites que acompanham o diamante. Estes satélites são classificados de azulinha⁴³, caboclo lustroso⁴⁴, chicória⁴⁵, crisólida⁴⁶, feijão preto⁴⁷, ferrage⁴⁸, lacre⁴⁹, marumbé⁵⁰. Os satélites eram vários do tipo massa cativo⁵¹, ogó⁵², ovo de pomba⁵³, paia de arroz⁵⁴, pedra de stânio⁵⁵, pretinha⁵⁶, roxa⁵⁷, fava⁵⁸ dentre outros.

Assim é a vida desse homem, às vezes cheia de surpresas e mistérios, corre o trecho sem apego, e o que vale é bamburrar, conta própria ou não, grupiara⁵⁹ ou monção, o chibiu⁶⁰ serve para animar e renovar as forças. Mas a satisfação e o orgulho de ser garimpeiro não somente vislumbra a questão econômica, valorizam o viver agora, o presente, e usufruem de uma convivência dotada de simplicidade, alegria e solidariedade.

⁴⁰Piçarra: Formação impermeável do terreno; laje abaixo do cascalho diamantífero.

⁴¹Caneta: Pequena vara artesanal de madeira para abrir o cascalho e verificar se há diamante.

⁴²Esmeril: Cascalho fino que não dá corte nas peneiras; não segura em nenhuma peneira.

⁴³Azulinha: Safira, certo satélite do diamante.

⁴⁴Caboclo lustroso: Limonita, certo satélite do diamante.

⁴⁵Chicória: Octoedrita, certo satélite do diamante, o mesmo que ciricória.

⁴⁶Crisólida: Crisólito, certo satélite do diamante, o mesmo que crisota.

⁴⁷Feijão preto: Jaspe negro, certo satélite do diamante.

⁴⁸Ferrage: Rutílio, certo satélite do diamante.

⁴⁹Lacre: Jaspe vermelho; certo satélite do diamante.

⁵⁰Marumbé: Jaspe amarelo, certo satélite do diamante.

⁵¹Massa cativo: Magnetita em pó, certo satélite do diamante.

⁵²ogó: Monazita, certo satélite do diamante.

⁵³Ovo de pomba: Quartzo rolado, certo satélite do diamante.

⁵⁴Paia de arroz: (palha) Cianita, certo satélite do diamante.

⁵⁵Pedra de stânio: (estanho) pirita ou sulfeto de ferro, certo satélite do diamante.

⁵⁶Pretinha: Jaspe negro ou turmalina negra, certo satélite do diamante.

⁵⁷Roxa: Ametista, certo satélite do diamante.

⁵⁸Fava: Óxido de titânio hidratado, certo satélite do diamante.

⁵⁹Grupiara: Garimpo na margem ou barranco do rio; o mesmo que gupiara, guapiara ou cata d'água.

⁶⁰Chibiu: Diamante pequeno, menor de meio quilate

No entanto, o homem ao fazer parte do cenário do garimpo, passa a assimilar gradativamente esse vocabulário dispendioso de palavras, até então desconhecidas, que vão ganhando importância em sua vida, pois faz parte do cotidiano dentro das atividades garimpeiras, não somente em uma região específica, mas em todos os tipos de garimpos, sendo eles de diamantes, ouros, esmeralda, cassiterita e outros.

2.2 - Garimpo: Integração Cultural

Vale dizer que o espaço do garimpo é composto por diversificadas culturas que se concentram em um só lugar pelo mesmo interesse, possibilitando a fácil interação e as sociabilidades entre a comunidade. Há de se lembrar que o garimpo no Brasil incentivou as migrações que culminaram repentinamente na criação de povoados, vilarejos, distritos e conseqüentemente a constituição de cidades. A notícia da Leva de diamante no Vale do Araguaia se espalhou rapidamente pelo Brasil, culminando assim, na rápida povoação que contribuiu para o surgimento de dois povoados, que no primeiro momento passaram a se chamar Barra Goiana à margem direita do Rio Araguaia e Barra Cuiabana à margem esquerda. Hoje, a primeira é Aragarças no Estado de Goiás e a segunda Barra do Garças, Estado de Mato Grosso. Ambas surgiram com a influência de “manchas” do garimpo de diamantes.

A maioria dos garimpos apresenta um contexto de encontros de pessoas de diversos lugares, pois é um recinto de reciprocidades e ao mesmo tempo heterogêneo. É um lugar que possibilita a troca de experiências e a assimilação de conhecimentos comuns entre os envolvidos, que por sua vez é composto por migrantes goianos, mineiros, cariocas, paulistas, cuiabanos, e em larga escala de nordestinos, considerados os que mais migraram por todo o País a procura de melhoria de vida, devido à própria situação de fome, seca e baixa expectativa de vida que os estados da região nordestina enfrentavam e até hoje enfrentam.

Diante disso, pode-se observar o que ressaltou Peter Burke na “interpretação dos encontros culturais”:

Uma das regiões pelas quais é improvável que a história Cultural desapareça, apesar das possíveis reações contra ela, é a importância dos encontros culturais

em nossa época, gerando uma necessidade cada vez mais urgente de compreendê-los no passado (BURKE, 2005, p.154).

Aqui está um pouco do que é a diversidade do garimpo com sua importante identidade, que apresenta uma realidade própria e simplista, porém pouco vista e reconhecida pelos historiadores, que se percebe pelos pouquíssimos trabalhos de pesquisas científicas publicados no mercado, como livros, artigos e outros. No entanto, é um vasto campo dentro da História Cultural que pode ser explorado e valorizado por meio dos conceitos dos estudos científicos, meio pelo qual será possível tornar viva e imortal as histórias do garimpo, pois é por meio da prática da extração de minérios realizados pelos homens simples e sofridos, considerados por muitos, os que ocupam a baixa escala da história, são estes os principais responsáveis por alimentar e manter em pleno funcionamento o mercado de jóias no âmbito nacional e internacional, pois a matéria-prima que é o diamante são adquiridas com muito esforço, coragem e com risco de vida constante. São os garimpeiros que tornam possível os amplos recursos de beleza aplausível dos homens e das mulheres através dos monumentos, dos colares, das roupas, cintos, sapatos e dos anéis que são usados orgulhosamente pela classe dominante, que na maioria das vezes não reconhecem e tão pouco lembram que existe o garimpeiro.

Para Michel de Certeau (2008), o historiador deve atentar para as minúsculas coisas que compõe o processo natural de construção da história, que não são percebidas na maioria pela escala de estudos científicos como objetivos importantes que compõe uma determinada cultura. Portanto, o historiador possui o poder de transformar objetos de estudos em história cultural:

Mas o historiador não contenta em traduzir de uma linguagem cultural para outra, quer dizer, produções sociais em objetos de história. Ele pode transformar em cultura os elementos que extrai de campos naturais. Desde a sua documentação (onde ele introduz pedras, sons, etc.) até o seu livro (onde plantas, micróbios, geleiras, adquirem o estatuto de objetos simbólicos), ele procede a um deslocamento da articulação natureza/cultura. Modifica o espaço, da mesma forma que o urbanista, quando integra o campo no sistema de comunicação da cidade... (CERTEAU, 2008, p.80).

Peter Burke (BURKE; 2005 p.30,31) faz questão de ressaltar dentro dos conceitos culturais a grande contribuição dos estudos de Edward Thompson, “que passou a analisar as mudanças econômicas e políticas dentro do contexto de formação das classes, examinando de perto o processo de construção da cultura popular, que por sua vez, registra os rituais de iniciação de artesãos, as feiras dos pobres, enforcamento de pessoas odiadas e analisou poesias que retrataram a realidade vivida das pessoas simples da época. Diante desses estudos de Thompson, o mesmo influenciou muitos outros historiadores, tanto na Grã Bretanha, quanto na Alemanha até a Índia, a voltar seus estudos para a história da Cultura popular”. (BURKE, 2005, p.30,31).

Como seus colegas de história política ou econômica, os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação (BURKE, 2005, p.33).

Portanto, é importante ressaltar que diante dessas transformações no campo dos estudos culturais, posteriormente, o processo de ampliação e conceitualização de novos paradigmas continuaram a ser buscados pelos intelectuais considerados da Ala dos marxistas e da Escola dos Annales, sendo esta última criadora do conceito de mentalidade que em seguida passa a ser superada como representação do imaginário que conseqüentemente, irá fundamentar com esses princípios o que hoje é denominada de História Cultural:

Como representante da Escola dos Annales, Jacques Le Goff entende que o conceito do imaginário veio a representar uma superação do de mentalidades, posto a circular por essa Escola desde Lucien Febvre. A mentalidade, contudo, nunca chegara a se impor como um conceito preciso. Definido de forma vaga se posicionava como uma maneira de pensar, para além dos limites da classe social e do conceito de estrutura mental que lhe corresponde, a ideologia... O imaginário se ofereceu como a categoria preferencial para exprimir a capacidade dos homens para representar o mundo (PESAVENTO, 2008, p.45).

Em suma, o que até aqui foi exposto, concretiza fundamentalmente uma nova forma de ver e estudar as culturas e com elas as identidades vítimas de preconceitos e discriminações ao longo de muitos anos. Um novo paradigma metodológico que procura pautar para a não aceitação, não alienação, ou seja, pela valorização das minorias, que não se omite a focar para o mundo as particularidades que sem dúvida alguma, tem sua parcela de contribuição na construção da história da humanidade. E esse compromisso e responsabilidade, no entanto, é papel da história Cultural.

Dentro do contexto histórico, percebe-se que antes das revoluções, havia pouco interesse do homem em constituir propriedade em aglomerações, povoados ou cidades, pois estavam concentrados nas atividades rurais e a vida urbana não oferecia condições de trabalho para dar estrutura de subsistência familiar. E além do mais, esse homem só veio despertar para a zona urbana séculos depois, com o advento das Revoluções Industrial e Francesa, não por ele querer, mas pelas necessidades econômicas que culminaram no êxito Rural cujo resultado foi a super povoação das cidades de forma desplanejada e rápida, devido o surgimento das máquinas e com elas as fábricas e indústrias, que a partir de então, estabeleceu um novo sistema de produção em que o camponês passa a ser o proletariado com mão-de-obra assalariada e os latifundiários os detentores dos meios de produção, considerados assim, os capitalistas modernos.

Até então, a partir do princípio do século XVI, o cuidado com o crescimento natural ampliou-se para incluir o processo de desenvolvimento humano, e esse, ao lado do significado original relativo à lavoura, foi o sentido principal até o final do século XVIII e início do século XIX (WILLIAMS, 2007: p.118).

Diante do exposto, percebe-se que os significados da palavra Cultura, no decorrer dos anos, foram ganhando amplitude dos sentidos voltados propriamente para o ramo das ciências humanas e sociais, passando a ser denominado segundo Andrew Milner, como Estudos Culturais, que literalmente significa o estudo da cultura. Esse novo paradigma passa a ser considerado por Haggart, Williams e Thompson como uma definição de um quadro de conjuntos de significados que se denomina como um campo interdisciplinar, como uma invenção política nas disciplinas acadêmicas existentes; como uma disciplina inteiramente nova, definida em termos e assuntos inteiramente novos (WILLIAMS, 2007: p.421).

O primeiro sentido sobre a definição de cultura foi claramente aquele tencionado por Hoggart na proposta inicial de fundar um centro de Literatura e Estudos Culturais

Contemporâneos. Para Hoggart, estudos culturais deveria ser um campo de pesquisa interdisciplinar em nível de pós-graduação, que recrutasse pessoas formadas em ciências sociais, história, psicologia, antropologia e estudos literários (WILLIAMS, 2007, p.421,422).

Uma vez denominado esse novo paradigma dos estudos Culturais dá início então um novo processo de busca e de interpretação dos fatos históricos relacionados às práticas sociais tanto da cultura da elite, quanto da cultura popular, que até então, era somente um papel dos historiadores, que por sua vez, não estavam interessados em aprofundar empiricamente nessa área de conhecimento.

Os estudos Culturais procuraram combinar os métodos qualitativos característicos das humanidades tradicionais com um ceticismo estético (que não precisa significar relativismo) característico das ciências sociais. Era, em suma, uma ciência social do estudo do significado textualizado (WILLIAMS, 2007, p.425).

Posteriormente, os estudos Culturais ao ganhar impulso como um grande recurso dos estudos das culturas e sua compreensão lógica, que fundamentada nas ciências humanas e sociais, passou a garantir explicações convincentes a respeito dos fatos tidos como culturais. Porém, dentro desse contexto na década de 1960, algumas mudanças tidas como “virada linguística” envolvendo muitos intelectuais que segundo suas correntes historiográficas eram necessárias tais transformações pelo fato da crise de paradigmas, ou seja, a busca de uma teoria que pudesse dinamizar os fatos e explicar as razões dos acontecimentos presentes. Duas correntes de renome estavam na busca dessa alternativa histórica, sendo a ala marxista e a Escola dos Annales.

No entanto, o período que antecede esses acontecimentos históricos, poderia ser denominado de “clássico,” no sentido de que foi um tempo em que os historiadores culturais concentravam-se na história dos clássicos, um “cânone” de obras-primas da arte, literatura, filosofia, ciência e assim por diante (BURK, 2005, p16).

Na verdade, a crise dos paradigmas é atribuída não ao historicismo de Rank ou ao positivismo de Comte, mas certamente ao próprio marxismo e a escola dos Annales, pois estas últimas não mais conseguiam dar respostas satisfatórias que servisse como explicação

da realidade. Só na terceira geração dos Annales que Pierre Goubert e Emanuel Lê Roy Ladurie elaboraram a chamada história das mentalidades e com esta, o nível cultural passava a ser entendido como uma forma de determinação primária da sociedade.

Para Pesavento, a história das mentalidades apontava para os caminhos das elaborações mentais e dos fios de sensibilidades que percorriam o social de ponta a ponta, mas não se define teoricamente (PESAVENTO, 2008, p.31).

As mudanças epistemológicas continuaram a acontecer no cenário da história, pois com as mentalidades idealizadas pela escola dos Annales, veio o conceito de representação como parte da história Cultural, que se completa como elemento fundamental no processo dos estudos das culturas diversas por meio do imaginário, que se encarrega de construir os fatos que dão o devido sentido ao mundo.

Para tanto, a história Cultural é composta dos elementos essenciais na busca do entendimento e da interpretação dos eventos culturais, que se caracterizam nas mentalidades, nas representações e no imaginário, dando conta de dar explicações à sociedade de sua real situação.

Percebe-se que o imaginário detém conceitos aprofundados que possibilita dentro da história cultural a verdade de constituir sentidos de existências dos fatos passados, tendo “o agora” como comprovação do real vivido. Dessa forma, o conceito do imaginário passa a superar o de mentalidades. Portanto, ao contrário das mentalidades, o imaginário é tido como categoria preferencial no sentido de exprimir a capacidade dos homens para representar o mundo.

Não se pode pensar em História Cultural sem que esteja presente o processo de construção de identidades, tanto coletiva, quanto individual. Nesse sentido Peter Burke afirma que “a preocupação com a construção da identidade é uma característica importante da NHC, o que não é de surpreender, numa época em que a “política de identidade” se tornou questão de grande relevância em muitos países” (BURKE, 2005, p.116).

Vale dizer que os motivos de se ressaltar aqui sobre os estudos culturais é que este abriu caminho de pesquisas e direcionamentos no processo de reflexão e análises das particularidades sociais, para que depois a história cultural pudesse aprimorar os métodos de estudos dos fatos populares e transformá-los em documentos históricos e científicos.

É exatamente nesse leque proporcionado pela história cultural, que podemos incluir o objeto de estudos e pesquisas sobre o garimpo no Vale do Araguaia na década de 1990,

por se tratar de acontecimentos até então, menosprezados pelos os estudiosos da escola tradicional, que só valorizavam os fatos heróicos e de repercussão na alta classe social.

No entanto, partindo para os conceitos mitológicos com suas representações místicas não se relacionam com a linguagem racional. Mas, sua existência e manifestação são anteriores a evolução da ciência, fato pelo qual sua criação se dá em um momento histórico a partir de questionamentos como forma de explicar a realidade. E encontra na narrativa literária o fortalecimento fenomenológico para estudar e narrar os fatos como críticos, e automaticamente se ocupa no ato de interpretação dos acontecimentos.

Em primeiro lugar, o mito aparece como o relato de um acontecimento instaurador. De fato, narra o que os Deuses fizeram. E o que eles fizeram nas origens são as coisas como são na atualidade. Trata-se sempre do que agora é significativo, daquilo que se faz ou se usa, e necessita ser “consagrado” por uma orientação á fonte ontofônica(CROATTO, 2001, p.220).

De fato, a gênese e o uso do mito passam a ser uma dupla direção, que por não ter valor científico, se ocupa da narrativa para expressar como se originaram as coisas, pois com a construção dos mitos é iniciada também a experiência do mundo, que na vida concreta passa a gerar um relevante relato de sua “origem” através da intervenção de um Deus que tem que ver com essa realidade, porém não é uma cópia do que acontece na realidade, mas se define por mito pela utilização de símbolos em si mesmo, como globalidade (CROATTO, 2001, p.221).

O símbolo, por ser um atributo relevante no processo de construção do mito, é constitutivo de fenômenos e imagens que são recorrentes ao diverso e ao novo.

Como Mircea Eliade, Durand acredita encontrar a permanência dos símbolos arquetípicos na modernidade das sociedades industriais contemporâneas. Nessas sociedades modernas, subsiste a continuidade das grandes imagens míticas nos objetos mais comuns do cotidiano, como os deuses do Olimpo Grego (LAPLANTINE, 2003, p.18).

O imaginário, portanto, de maneira geral, é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção (LAPLANTINE, 2003, p. 24).

Por outro lado, o mito apresenta conceitos que não deixam distância do imaginário, pois se fundamenta pelos símbolos e rituais; pelos relatos dos conhecimentos culturais, que de forma fenomenológica implica na narrativa e na interpretação dos feitos humanos.

De acordo com DUBOIS (1995, p. 24), “o mito não pode ser reduzido a uma produção da atividade imaginativa: é também um relato que, como tal, obedece a modos de expressão linguísticos e a princípios “diegéticos”.

Vale ressaltar que nesse processo de ligação do mito e do imaginário, estão também as características que diferem seus conceitos de atuação no mundo. Enquanto o imaginário realiza a fabricação dos deuses, o mito surge como a forma de explicação e convencimento social, onde a razão entra na narrativa como meio de ideologizar definitivamente a existência de tais deuses como elementos mitológicos e culturais da nossa História.

Evidentemente, pode-se ressaltar que os componentes simbólicos não se afastam do contexto do mito, pois ambos estão ligados e dependentes no processo de solidificação da realidade humana. Diante disso, afirma CROATTO:

Símbolo e mito apelam-se mutuamente. O símbolo é um componente essencial do mito. E este por sua vez, “realiza” o símbolo, já que sua tendência é ingressar no mito, embora seu caráter frontal lhe permita “realizar-se” também na arte, na linguagem, nos sonhos (CROATTO, 2001, p. 241).

2.3 – O Triângulo dos Diamantes

Outra obra que merece ser destacada é o “O Triângulo dos Diamantes” de Basileu Toledo França, por retratar as particularidades culturais de um contexto histórico da região dos Rios Garças e Araguaia com seus garimpos e os confrontos sociais motivados pelos minérios da região. Fatos esses voltados mais precisamente para o Rio das Garças, palco de um confronto de repercussão nacional ocorrido nos anos de 1915 a 1925, conhecido como o conflito armado entre Morbeck e Carvalhinho cujo objetivo era garantir a liderança política e social da Zona diamantina. Estes dois grupos ficaram conhecidos como os Morcegos e os Caináguas, o primeiro por atacar a noite e eram chefiados por Morbeck e o segundo por ter que atravessar obrigatoriamente o Rio Araguaia a nado, grupo esse de Carvalhinho.

Segundo Basileu Toledo França, “O Triângulo dos Diamantes” envolveu as cidades de Paranatinga, Alto Araguaia, Barra do Garças e Poxoréu, somando os povoados de influência de minério como Cassununga, Cafelândia, Buriti, Alcantilado, Careca e Tapera”. (FRANÇA, 1994, p.25)

Essa história produzida por França evidencia fatos ocorridos na Região do Rio das Garças e destaca com clareza a realidade social e cultural que o homem garimpeiro enfrentava para conquistar espaço, muitas vezes arriscando a própria vida em prol de uma sede insaciável por riqueza. Por outro lado, existiam aqueles homens que estavam por aventura e desafios cuja natureza era aproveitar a vida sem muita preocupação em ficar ricos, considerando isso uma consequência do destino, pois já se acostumaram com o ritmo de vida que o garimpo lhe proporcionava.

Contudo, vale lembrar que independente das vivências e particularidades de cada mineiro, o importante para a história é registrar os fatos, os acontecimentos que marcaram uma época, uma região e que retrata principalmente a construção de uma identidade que para a atual sociedade pode ser reconhecida como um importante e valioso acontecimento histórico dentro do imaginário Nacional.

Assim destaca Basileu Toledo França que:

...capangueiros e jagunços contam ao povo grande parte dos fatos ocorridos nas catas do Triângulo dos diamantes. A bravura e o sofrimento da gente humilde, que de maneira dolorosa, às vezes desesperada, começou a construir com sangue e lágrimas a civilização atual daquela zona riquíssima e quase sempre esquecida do planalto central (FRANÇA, 1994, p.20)

Outro fator que França destaca diz respeito à problemática da divisa entre os Estados de Mato Grosso e Goiás, fato que desencadeou inúmeras discussões e conflitos, devido ambos permanecerem convictos de não aderir parte do que considerava seu território. Enquanto as autoridades de Mato Grosso defendiam que sua divisa seria o Rio Araguaia, Goiás os combatia por meio de documentos, defendendo sua divisa no Rio das Mortes.

No dia 7 de setembro de 1919, instalou-se em Belo Horizonte o 6º Congresso de Geografia, que não resolveu o problema de divisa entre Mato Grosso e Goiás. Concordaram então os dois Estados em submeter à pendência a uma junta de

arbitramento que, por ato de 5 de julho de 1920, datado no Rio de Janeiro, foi constituída legalmente. Assinaram o documento os Srs. Pedro Celestino Correa da Costa, por Mato Grosso, e Gonzaga Jayme, delegado de Goiás (FRANÇA, 1994, p.76)

A luta armada entre morbekistas e carvalhistas, motivada pelo então Presidente do Estado Drº Pedro Celestino foi com intuito de achar uma alternativa para contornar o radicalismo na região do Rio das Garças, que tinha como líder absoluto dos mineradores e diamantários, o agrônomo José Morbeck, que por sua vez se negava em pagar ao estado de Mato Grosso os impostos dos rendimentos da produção diamantífera.

Por outro lado, antes de se tornarem inimigos, o capangueiro Manuel Balbino de Carvalho e José Morbeck viajaram a capital da República no objetivo de tentarem a conciliação entre os dois chefes, o regional e o estadual e principalmente conseguir a paz para os garimpos da região do Garças, mas isso não foi possível devido a trama que logo armaram para separar os dois líderes ainda em viagem na capital.

Contudo, antes que se avistassem com o Cel. Pedro Celestino, um inimigo implacável de Carvalhinho, seu contra parente Geraldo Rocha, que era capitalista e diretor de influente jornal da época, procurou o filho de Jequié a fim de alertá-lo, como alegou – Não confie em Manuel Balbino de Carvalho porque ele deseja traí-lo e ser o chefe da região do Garças... (FRANÇA, 1994, p.101).

No entanto, o objetivo era motivar definitivamente a separação entre os dois principais líderes da região das Garças, pois os governantes queriam fragilizar a organização existente na zona diamantífera e expulsar os que estavam à frente como empecilho, dificultando a influência do governo e a arrecadação monetária por meio da cobrança de impostos sobre a renda dos garimpos, que para a época era um rendimento considerável para os cofres do estado.

Daí por diante, desencadeou a luta armada entre os grupos de Morbeck e Carvalhinho e um duradouro confronto culminando em várias mortes para ambos os lados, pois dentro desses grupos estavam como inimigos os maranhenses morbeckistas e os baianos carvalhistas.

Em suma, essa história sobre “O Triângulo dos Diamantes” retratada por Basileu Toledo França, foi incorporada a esse texto por sua importância e riqueza dos fatos para o contexto do tema que está sendo abordado, independente de não ter ocorrido nos garimpos do Rio Araguaia, mas foi e ainda é uma das poucas histórias registradas sobre garimpos de diamantes no Brasil. Além disso, destaca as características culturais, as formas de vivências, o modo de agir, os mitos e o imaginário das regiões garimpeiras que são na maioria das vezes idênticas, razão pela qual faz parte destas páginas, por serem acontecimentos que mobilizaram na época, os poderes Políticos e causaram impactos sociais, culturais e econômicos. Por fim, o Rio das Garças, o cenário onde ocorreram os fatos, está geograficamente na mesma região do Vale do Araguaia, palco da pesquisa de campo aqui desenvolvida.

O ofício de garimpeiro está relacionado à liberdade, fato que não existe na maioria das profissões. É esse o fator principal que move os ânimos e provoca a inquietação de um homem minerador e ao mesmo tempo o motiva a continuar na lida desse ofício e enfrentar todas as dificuldades. Pois além de ser conhecedor do processo de extração, é a liberdade de ir e vir, de começar e terminar seu trabalho e não estar sobre ordem e fiscalização de alguém, que o torna mais persistente e convencido de que sua vida e seu destino é ser garimpeiro.

O trabalho de vaqueiro e outras atividades do campo, o garimpeiro enfrenta só em caso de extrema necessidade. Mais difícil ainda é enfrentar o trabalho assalariado, principalmente na cidade, pois a pior coisa que pode acontecer é ser empregado com um salário mínimo e ter que suportar “enjeira” de patrão, por isso, prefere sem contestação, mesmo passando por muitas crises, estar envolvido com as atividades do garimpo que lhe oferece a tão sonhada liberdade.

Essa liberdade é a marca predominante no comportamento do garimpeiro: Liberdade de ir e vir, liberdade nos horários, ausência de fiscalização em sua atividade. Esse desejo de liberdade leva-o a optar, sempre que possível, pela garimpagem, ao invés do trabalho nas lavouras... (MARCONI, 1978, p. 130)

2.4 - As Ocupações no Garimpo

Geralmente, o local onde é escolhido para fixação dos garimpeiros com suas traíais⁶¹ como forma de povoado se dá próximos aos córregos, regos d'água ou rios. É nesses lugares que constroem seus barracos de palha que poderão ficar por curto, médio ou longo prazo, dependendo da boa ou má produtividade do minério.

A forma de organização desses recintos é representada por três ou quatro barracos próximos uns dos outros e com um girau⁶² de bambu no fundo do quintal para lavar as vasilhas. E para a lavagem das roupas utilizam da água dos córregos ou regos geralmente próximos aos barracos. O interior desses barracos é dividido em dois, três ou quatro cômodos com fogão a lenha, o conhecido fogão caipira. As tarimbas para dormir são feitas com o pau da folha de babaçu⁶³, armada com quatro forquilhas de madeira, onde depois de pronta estende-se o colchão. As redes de tecido são também muito utilizadas pelos garimpeiros, pois são práticas e ocupam pequeno espaço. Esses barracos são construídos geralmente próximos as árvores nativas e ao se instalarem plantam árvores frutíferas como mangas, cajus, abacates e outros. Ao anoitecer, utilizam como recurso para alumiar, a vela, a lamparina⁶⁴, ou o lampião. Na época do frio deve-se tomar cuidado com cobras entre as palhas, tanto do teto, quanto das paredes do barraco, pois ao acender o fogo, o animal pode se aproximar para um lugar aquecido.

O que não falta é o campo de futebol, local de divertimento todas as tardinhas e no final de semana, onde a disputa é acirrada e animada; mesmo cansados os garimpeiros encontram força para jogar uma pelada⁶⁵.

⁶¹Traias: Roupas e objetos de garimpeiros.

⁶²Girau: Estrutura de madeira armada com quatro forquilhas com acento utilizada para lavar roupas e vasilhas

⁶³Babaçu: Palmácea cujos frutos, drupáceos, fornecem sementes oleaginosas e comestíveis, das quais se extrai óleo útil.

⁶⁴Lamparina: Recipiente com um líquido iluminante, no qual se mergulha um discozinho transpassado por pavio que, aceso, dá luz.

⁶⁵Pelada: Jogo de futebol ligeiro em campo improvisado.

O transporte para a cidade fica por conta do proprietário da terra explorada, dos sócios do garimpo ou de algum garimpeiro que porventura tiver um veículo de carroceria. As viagens a cidade pelos chefes de grupo de trabalho, dependendo da distância são realizadas de quinze, vinte ou trinta dias, no objetivo de comprar mantimentos. Já os garimpeiros que ganham porcentagens, quando não se pegam o minério, podem passar meses e até anos sem irem à cidade, pois são custeados por meia praça⁶⁶ ou pelos sócios do garimpo.

Portanto, essas ocupações existem enquanto os garimpos são produtivos, caso contrário, o proprietário das terras não permite a permanência dos garimpeiros com seus barracos. Se porventura alguém persiste em ficar na terra mesmo com o fim do garimpo, por razões de cansaço do ofício e resolve estacionar ali, vivendo do plantio da terra, o fazendeiro na maioria das vezes não aceita, temendo dar espaço e ficar sem a terra futuramente ou por não conhecer a procedência de tal garimpeiro que por sinal, não irá gerar mais nenhum tipo de lucro como era o garimpo.

O homem mineiro ao estar inserido em seu cotidiano no espaço do garimpo passa a sofrer as influências da imaginação social, pois vivem em coletividade cujas decisões e normas são definidas e impostas pelo grupo.

Afirma Baczko que “A História das mentalidades, na esteira da escola dos Annales, pôs em relevo a longa duração em que a imaginação social opera, assim como o peso da inércia dos imaginários nos comportamentos econômicos e demográficos” (BACZKO, 1985, p.308).

Sabe-se, que o imaginário é um todo composto por ações e vivências da coletividade humana, direcionada pelo processo de construção dos símbolos por meio da imaginação social. Assim ressalta Bronislaw Baczko:

O princípio que leva o homem a agir é o “coração”, são as suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem “enérgica” dos símbolos e dos emblemas (BACZKO, 1985, p.301).

⁶⁶Meia praça: Garimpeiro mantido financeiramente por terceiro para trabalhar no garimpo manual cujo dinheiro do minério é dividido igualmente entre ambos.

No entanto, Baczko trata especificamente de uma imaginação voltada para a valorização dos símbolos e da linguagem e que estes se encarregam de construir uma história verdadeira e real, pois o próprio imaginário social é formado e perpetuado através da coletividade, que cria seu mundo, sua cultura, sua identidade, suas crenças, mitos e ilusões.

Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro (BACZKO, 1985, p.312).

2.5 - Conseqüências do Garimpo ao Meio Ambiente

O impacto ambiental causado pela prática do garimpo é incalculável, pois utilizam produtos que além de afetar a saúde do garimpeiro, prejudicam o meio ambiente, que sofre com as ações de desmatamento das matas e florestas e assoreamento dos córregos e rios por meio dos desmontes a água e utilização de motores e dragas no processo de exploração do minério, que além de deixar erosões e grandes crateras, afetam a fauna e a flora por completo, deixando definitivamente o território com rastros de destruição, e na maioria das vezes irrecuperável e improdutivo para outras atividades. A fauna perece porque o garimpeiro além de utilizar grandes estruturas de máquinas pesadas para encontrar os metais preciosos, também pratica a caça predatória irregular, dando fim à existência de certos animais no território em que se instala.

Castoriadis (1997), diz que “os valores de espaço habitado”, a casa constitui “a concha protetora e criadora de imagens que permanecem guardados escondidos nas profundezas da alma humana”. O valor simbólico do meio ambiente vivido está contido na sua proposta de pesquisa, a topofilia para determinar o valor humano do lugar, enquanto espaço de pose, espaço proibido, as forças adversas, espaços amados.

Para Maffesoli (1987), o ambiente é um nicho, um abrigo no qual o laço se torna lugar-imaginário territorial, onde os objetos naturais ou construídos estão diretamente relacionados com a existência humana.

Assim, a memória se alimenta de uma materialidade, uma espécie de coleção de imagens presentes-imagens que a memória lembra e reconstitui em relação ao lugar, objeto ou sentimento. Portanto, os elementos da natureza como: rios, montanhas, campos,

florestas e as construções humanas transformam-se em imagens, caminhos e representações de uma comunidade em sua vida quotidiana. Podemos notar isso, no modo de ser das pessoas e do ambiente em que vivem. As “imagens da natureza” os fragmentos da lembrança em busca de um sentido, compreensão das imagens mentais que nos levam a idéia de natureza.

O homem não nos interessa apenas porque somos homem, o homem deve nos interessar porque, de acordo com tudo que sabemos, o fantástico nó da questão está ligada á existência do homem. Ao tipo ontológico de ser por ele representado não é resistível á física ou á biologia (CASTORIADIS, 1987, p. 227).

Contudo, ser garimpeiro não se resume somente em uma idéia negativa do ofício, às vezes pela queima, outras pelo perigo e o sofrimento na labuta do trabalho árduo e pesado sem saber quando irá bamburrar, ou seja, encontrar um bom diamante ou uma linda pepita de ouro. Mas sempre alimentado pelos sonhos e expectativas de conquistar uma vida melhor é que motiva o homem garimpeiro a permanecer vivendo em meio a essa situação heterogênic, compostas por valores estereotipados, lugar que fixa os mais diversos costumes, onde se concentra várias personagens para se adaptar a uma só realidade, a uma só situação social. É nessa junção e concentração na busca pelo minério que se encontra o nordestino, o goiano, o mineiro, o paulista, o carioca e outros que possibilitam o resultado promissor e rico, lugar onde pode haver trocas de experiências, assimilações de valores, mas podem também acontecer conflitos de idéias.

Enfim, o que importa é que todos os garimpeiros por preferência escolheram a liberdade que trabalhar a mando de um encarregado, patrão ou chefe. Preferiram viver na lida, às vezes na solidão, mas nada o prende a um lugar, pois é o nômade mineiro e muitos até costumam ao ritmo de vida que levam, dos eventos rotineiros que acontecem: as festas tradicionais, com farofa de frango e forró até ao amanhecer, futebol animado, o jogo de baralho aos gritos, a pesca, a caça e os bons banhos nos córregos e rios em contato direto com a natureza. Dessa forma, o garimpeiro leva sua vida e constrói ao longo dos anos a sua história de aventura, de conquistas e derrotas, mas fundamenta sua existência nos sonhos de liberdade.

2.6 - Tipos de garimpos

O garimpo é composto de atividades diversificadas. Há o chamado garimpo de manchão⁶⁷, é desenvolvido manualmente por um ou mais garimpeiros que se encarregam de cavar com enxadão, picareta e alavancas um buraco até atingir ao cascalho. Dependendo da conformação geológica do lugar, esse buraco pode ser raso ou profundo, o objetivo final é quebrar o cascalho encontrado e retirá-lo. Em seguida, é deixado secar ao sol por uns dias, para depois, ser peneirado pela suruca⁶⁸, que separa as pedras grandes, deixando somente o cascalho fino para a lavagem. Essa é feita em uma bica de água, no córrego ou no rio. Reúne-se todo o cascalho carregado por carriola⁶⁹ para próximo dos lavadores⁷⁰, e utilizam-se mais quatro peneiras, que são giradas pelo garimpeiro até reunir nos seus centros o círculo de pedras escuras, denominado de forma⁷¹, e nesta o diamante pode aparecer. O garimpo manual é considerado o mais pesado e difícil. Geralmente esses garimpeiros de manchão são custeados por “meia-praça”, pessoas que fornecem os mantimentos durante todo o mês, em troca, recebem parte dos rendimentos das vendas dos diamantes encontrados, a divisão obedece à proporção de 40% ou 50% entre ambos.

Outro tipo de garimpo é o realizado com máquinas e motores. Esse é composto por dragas que, fixadas com rodas próximas ao lugar determinado, possui uma mangueira ligada a maraca, que fixada a uma distância considerável do barranco e acompanhada de um motor que bombeia a água do rio, ou córrego, por meio de canos longos, em cujas extremidades é fixado um bico fino, possibilitando a saída da água com potência. O objetivo é dissolver todo o barranco, transformando tudo em barro e lama que escorrem rumo a maraca (chupão) com destino ao rio, causando assim, um constante assoreamento, transformando o espaço que antes era o percurso da água, em uma grande praia de lama.

⁶⁷Manchão: Lugar rico em metal precioso.

⁶⁸Suruca: Peneira grossa utilizada para selecionar as pedras maiores na lavagem do cascalho.

⁶⁹Carriola: Carrinho de mão utilizado para carregar cascalho.

⁷⁰Lavadores: Lugares preparados pelos garimpeiros dentro d'água para acomodar as quatro peneiras na lavagem do cascalho.

⁷¹Forma: Pedras escuras contidas no cascalho e aparecem como um círculo no fundo da peneira no processo de lavagem.

Esse processo de desmonte acontece até se atingir o cascalho, criando assim o que é chamado de “Catra”, local definido e limpo para, com o auxílio de muitos homens, retirar o cascalho também com jato que o quebra e por meio da maraca é enviado direto para a bica ou resumidora, lugar onde se separa formas e diamantes, pois são máquinas reguladas para fazer essa seleção. Esse modelo de garimpagem é firmado geralmente em sociedade entre o proprietário das máquinas e um homem tido como chefe de um grupo responsável pela mão-de-obra, normalmente são entre quatro ou cinco homens, que recebem 15% de cada rendimento das pedras encontradas. O chefe do grupo e o proprietário das máquinas, que também custeia a despesa, dividem a maior parte do lucro. Já o fazendeiro, chacareiro ou sitiante que sede o lugar para ser devastado, recebe apenas uma pequena porcentagem de 10 a 20% dos rendimentos de cada diamante vendido.

O garimpo de mergulho também é bastante conhecido e perigoso, pois é realizado por meio de uma balsa com um motor e mangueira para dragar o cascalho no fundo do rio. Nessa balsa, comportam-se entre quatro ou cinco garimpeiros. Depois de pesquisado o local, ela é fixada no leito do rio, com um equipamento completo de mergulho, cada garimpeiro desce para o fundo do rio, um de cada vez. São entre 15 a 20 minutos, o tempo para realizarem o trabalho de seleção do cascalho e o lançamento para a bica ou resumidora, que por sua vez, também é fixa sobre a balsa. No final do dia, os homens lavam o cascalho retirado em peneiras, buscando o diamante.

Nos garimpos, portanto, quem mais lucra não são os que diretamente enfrentam o sol escaldante, a labuta do dia-a-dia, mas sim um personagem que geralmente nem sabe e nem tão pouco quer saber das dificuldades enfrentadas pelos garimpeiros, trata-se do agente comprador, esse que cumpre o papel de querer tirar vantagem no processo de compra dos minérios, aproveitando em muitos casos das necessidades sociais e econômicas do garimpeiro. Portanto, nessa perspectiva de exploração, atinge diretamente a economia e afeta as relações sociais do homem garimpeiro.

2.7 - Você já viu um garimpeiro rico?

Essa pergunta, feita com frequência, tem por resposta um insistente não. Parece raro, um garimpeiro ser alguém com fortuna. Existem alguns fatores que podem explicar essa situação, que permitem a formulação de dizeres e crenças populares de que “o

dinheiro ganho em garimpo é amaldiçoado”. Dentre esses fatores está à explicação construída dentro do ambiente do garimpeiro, transmitida de geração para geração, que pode ser resumida por uma definição do viver como: gastar nas festas com bebidas, nos bordéis, viagens nacionais e internacionais, fretando até avião. Assim, os garimpeiros chegam a gastar todo o dinheiro na farra ou no luxo em questão de dias. Capital que muitas vezes demoram meses ou anos para ganhar.

Portanto, é assim que o imaginário do garimpo é constituído, como lugar de peleja e ao mesmo tempo de aventuras, sonhos, diversão, de ideais passageiros e destinos indefinidos, de aventuras e lugares imprevisíveis cheios de surpresas e acontecimentos inexperáveis.

Três fatores justificam esse questionamento. O primeiro está relacionado a vivência do garimpeiro em um lugar distante em que a solidão é a companheira de todos os dias, pois o garimpo é caracterizado como um lugar onde é sujeito aos diversos tipos de acontecimentos, sendo eles positivos ou negativos. Por esses motivos, na maioria das vezes essa é a razão pela quais os familiares do garimpeiro não o acompanham, então o contexto do garimpo se encontra geralmente homens largados ao destino, sem compromisso de relações conjugais. Diante dessa realidade, o garimpeiro possui uma válvula de escape quando enche o bolso de dinheiro, vai para a cidade e cai na graça da mulherada, custeando tudo e para todos sem se preocupar com nada, pois para esse cidadão o que está fazendo é uma forma de viver a vida para apagar do seu pensamento, por um momento, os tempos de tristeza, de solidão e da labuta rotineira que enfrenta no garimpo. Portanto, na maioria das vezes, as festas, as mulheres e as bebidas fazem parte da vida desse homem como uma forma de fugir da sua real situação de desprezo, de abandono ou de carência afetiva.

O segundo caso acontece quando o garimpeiro bamburra, principalmente aquele que mantém sociedade como chefe de equipe de trabalho, quase sempre o capital da venda dos minérios já está planejado para manter as despesas do próprio garimpo, com a intenção e esperança de encontrar outras pedras preciosas ou pepitas melhores e maiores. Ou seja, o que se pega ao longo de meses e anos, acabam os excedentes voltando como forma de manutenção da atividade garimpeira. Assim, deixam de aplicar em bens e imóveis como garantia de uma vida futura melhor.

No entanto, o terceiro fator está focado em um elemento de características manipuladoras, que se relaciona no meio como forma de tirar proveito da situação frágil do homem do garimpo. Esse é o agente comprador, conhecido como capangueiro, considerado

na escala um dos que mais lucram no processo de extração do minério, chegando a ganhar mais de 60 ou 70% em cada minério comprado. Ele possui a retórica afinada no objetivo de explorar o máximo possível da simplicidade do garimpeiro, pois alega defeitos na maioria dos diamantes, mesmo que não tenha, e assim vai tirando proveito e manipulando, convencendo-o a vender. Esse agente comprador vai longe à busca de minério e muitas vezes não reconhece o importante papel do garimpeiro no contexto social e econômico de um município, estado ou nação. Além disso, a distância do garimpo da cidade influencia muito, caso seja muito distante, os garimpeiros preferem vender ali mesmo que ir a cidade. Nesse mesmo contexto, pode-se destacar que existe coisa pior como exemplo de injustiça, no caso do próprio agente comprador, ser o proprietário das máquinas e deter o monopólio da compra dos minérios da região. Os garimpeiros vivem essa realidade, pressionados a cederem à oferta desse agente, em que alega suprir todas as despesas que faz funcionar as atividades do garimpo. Esses homens são considerados dentro dessa hierarquia como simples empregados assalariados. Sendo assim, questionamos até onde vai essa “liberdade” do garimpeiro?

2.8 - Garimpeiro: um homem livre?

Quando se fala nesse homem aventureiro, que busca a liberdade, parte do princípio do surgimento do garimpo e suas primeiras atividades, que se caracterizavam como manuais e rudimentares, em que ainda não havia as máquinas apropriadas para esse ofício. Nessa época, tudo era mais natural e o contato com a natureza era mais puro e de forma espontânea o homem podia sentir-se livre com ele e com o habitat.

Mas com o tempo foram surgindo grandes invenções tecnológicas para suprir de maneira mais rápida e eficaz a demanda de trabalho, pois a atividade que dez homens demoravam um dia para fazer, com as máquinas fazem em duas ou três horas. E assim, esse homem passa a ficar refém do sistema criado, e se submete as escalas e normas de divisão do trabalho. Com isso, os motores, as dragas e seus apetrechos vão cada vez mais ocupando o espaço e eliminando gradativamente os garimpos manuais.

Em pleno século XXI, podemos presenciar o surgimento cada vez maior das grandes mineradoras multinacionais que devastam a seco uma grande extensão de terras, utilizando não mais as dragas ou motores, mas sim caminhões enormes, retro escavadeiras

que desmontam em questão de dias, toneladas de cascalhos. Nesse sistema já não existe o garimpeiro, pois os que nele trabalham são funcionários assalariados, que nem chegam a ver os minérios encontrados. Cumprem ordens de encarregados e excessivas horas de trabalho para sobreviver. Os minérios encontrados são selecionados por uma máquina sofisticada com o auxílio de um profissional de confiança. Mas antes das mineradoras ocuparem ou arrendarem os espaços das fazendas, utilizam-se um aparelho de alta tecnologia criado para detectar se o lugar realmente possui muitos minérios ou não. Esse aparelho rastreia os diamantes a muitos metros de profundidade que é manuseado por um técnico na superfície terrestre.

Diante dessa ordem dos avanços tecnológicos das grandes mineradoras, somado aos fechamentos dos garimpos com água e os garimpos manuais estarem escassos e abandonados em razão da proibição por parte da Justiça Ambiental, pode-se ver aos poucos o desaparecimento do homem garimpeiro e com ele a sua identidade, tradições e crenças. Por essa razão é necessário que utilizemos da história para suscitar fatos, contos, causos, crônicas e histórias ainda desconhecidas que precisam ser registradas para que o tempo não possa apagá-las, pois a maioria dessas fontes é oral e os nossos aventureiros, os homens dissolutos⁷² que fascinados pelo minério dedicaram toda uma vida acreditando na mudança, no enriquecimento, estão desaparecendo a cada dia, estão morrendo e com eles morrem a memória, que para o historiador é a relíquia que constrói a história e perpetua a identidade de determinado povo ou nação.

Dentro dessa linha de pesquisa sobre o garimpo, não poderíamos deixar de destacar sobre os recursos que por ele é fornecido à sociedade como forma de garantir para o mercado a matéria-prima com excelência e com ela se produz os mais diversos produtos que passam a fazer parte do mundo luxuoso, desejos da alta sociedade, classificados como anéis, brilhantes, pulseiras, correntes e muitos outros objetos que, depois de se transformarem em produtos industrializados, seja com ouro ou diamantes, passam a fazer parte de um mercado milionário, acessível somente a alta classe.

⁷²Dissoluto: Devasso, corrupto.

Portanto, com um olhar mais crítico, podemos ressaltar nessa atividade garimpeira as relações de poder que no século XIX já era evidenciada por Marx no processo de mais-valia, próprio do capitalismo atual que gera uma sociedade extremamente desigual em que possibilita o domínio e o abuso social daqueles que detém o capital sobre os cidadãos que vendem sua mão-de-obra barata por não ter acesso ao conhecimento crítico. Diante dessa situação, o garimpeiro, que é a maioria, combate pesado nas lavras, mas os lucros de todos os esforços acabam ficando nas mãos de uma minoria. Assim, a identidade desse homem passa a representar alguém que é ao mesmo tempo cheio de esperanças, trabalhador, mas que não tem competência para alcançar seus sonhos e principalmente porque passa a ser vítima de exploração desse sistema individualista e manipulável. Sem contar que abandonam suas famílias, terras e tudo o que tem em prol da busca da riqueza, que para a maioria, com o tempo, se torna vã.

O mundo capitalista como produtor de desigualdades sociais, como dizia Karl Marx, desvalorização do ser humano, em que as individualidades predominam em prol de um consumismo exacerbado, passa a provocar a concorrência e a competitividade desleal entre os homens, e que estes são medidos pelo que tem não pelo que são. Isso nos faz refletir sobre a temática de que nesse sistema o homem só tem valor enquanto produz, assim, o garimpeiro dentro desse processo de reconhecimento social é considerado um ser esquecido por parte da escala de nível nacional, que não está na memória daqueles que realmente usufruí desse produto, que um dia passou pelas mãos de um homem guerreiro, otimista e sonhador.

Enfim, por mais que não reconheçam que, toda e qualquer jóia, passou primeiro pelo homem garimpeiro, como material bruto, são estes os responsáveis por alimentar o mercado das relíquias minerais e o glamour das damas, atrizes, atores, artistas, príncipes, princesas, rainhas, políticos, jogadores e muitos outros afortunados. Sem contar, que existem outras atividades que necessitam do minério como principal produto na criação de diversos aparelhos tecnológicos utilitários a sociedade.

2.9 – Analogia: estruturas imaginárias e representações sociais

Em sua obra “As Estruturas Antropológicas do Imaginário”, Gilbert Durand aborda uma gama de conhecimentos estáticos e característicos de um mundo inevitável, dotado de

símbolos, representações e alegorias preexistentes em um imaginário que transcende as normativas sociais, que ultrapassa as regras estabelecidas para a ordem e organização da ação do homem em sociedade.

O imaginário como fruto da ação do homem em sociedade, estabelece condutas de formação ideológica que passam a predominar como culturas e identidades que são responsáveis pela existência de um povo, etnia ou nação.

Os inúmeros símbolos citados na obra de Durand vêm mostrar como nossos espaços sociais possuem um vasto campo que é incessantemente trabalhado no cotidiano por meio das ações, das idéias, da retórica, do discurso e das invenções do homem enquanto ser racional, dotado de conhecimentos comuns e científicos.

Por certo, a imaginação é inevitável na vida humana, pois é por ela que o homem vislumbra algo que poderá tornar-se realidade. Portanto, não existe imaginação sem perspectiva de objetivo individual ou coletivo. Mas, por outro lado, essa imaginação deve ser concretizada dentro dos princípios de obediência às leis humanas, sem danos morais e sociais.

Diante disso, o imaginário se encarrega de estabelecer esquemas de ordem das idéias que passa a funcionar como estruturas simbólicas, agindo como meio de fixar as condutas humanas dentro do controle figurativo das imagens e alegorias. Está aí um fruto imaginativo preexistente e criado pelo homem como forma de organizar e conquistar espaços sociais e culturais. Assim, afirma Durand, quando cita que:

Bachelard faz repousar a sua concepção geral do simbolismo imaginário sobre duas intuições que faremos nossas: A imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação. Segundo o epistemólogo, muito longe de ser faculdade de “formar” imagens, a imaginação é potencia dinâmica que “deforma” as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção (DURAND, 2002, P.30).

É evidente que dentro do espaço simbólico, as motivações possuem seu caráter pluridimensional com suas características fundamentadas nos princípios de busca de explicações sobre a realidade na qual se confrontam. Assim, Durand destaca que “... qual é o meio de escapar à esterilidade da explicação linear sem cair – o que seria o cúmulo! – nos ímpetos intuitivos da imaginação” (DURAND, 2002, p.32).

O Regime diurno da imagem aborda representações específicas de simbologias referentes a animais como parte do campo mitológico e explora com objetivo de fornecer explicações sobre os fatos sobrenaturais que fazem parte da realidade conflituosa em determinada sociedade.

Na realidade, essas imagens criadas são uma necessidade para o regime diurno, pois elas justificam o sentido valorativo da vida humana, que por sua vez, necessita se alicerçar sobre invenções mitológicas como forma de fundamentar respostas a existência de dados povos, sociedade ou nação. Por essa razão, o campo da simbologia é responsável por dar explicações e sentido à identidade cultural de determinada civilização, utilizando para isso, conceitos de representações imaginárias.

Outro aspecto importante que é evidenciado nas estruturas antropológicas se refere a gama de símbolos preexistentes que se dividem de acordo com suas características místicas que circulam e se esquematizam entre os campos específicos do círculo lunar e círculo solar. Divisão essa, realizada muito bem por Durand, na intenção de organizar e fortalecer o campo do imaginário quanto à classificação simbólica, que especificamente depende dos esquemas de imagens infinitamente heterogêneas, denominadas como ícones, símbolos, emblemas, alegorias, imaginação criadora ou reprodutiva, sonho, devaneio, mito, delírio e epifanias simbólicas. Sem contar que, o imaginário se desenvolve junto a uma estruturação, dentro de uma lógica e de um “mundo” de representações, lógica essa, dinâmica, que cumpre a função de produzir imagens respeitando as polaridades dos regimes diurnos e noturnos, que por sua vez, são responsáveis na formação das três estruturas polarizantes, sendo elas classificadas de mística, heróica ou diátrica e a estrutura cíclica, sintética ou disseminatória.

De igual modo, o mundo do garimpo, com suas especificidades culturais e suas representações coletivas e sociais, passa a ser visto e analisado como um rico e importante lugar considerado como espaço fértil para os mitos e imaginários, responsáveis por alimentar as ilusões, os sonhos e as fantasias de muitos homens, que considerados pela sociedade como aventureiros e dissolutos do destino, mesmo assim, permanecem hipnotizados por um minério resplandecente que possivelmente lhe trará socorro para uma vida esplendorosa e feliz segundo o que acredita.

Diante desse vislumbamento do pensar, do presenciar e do sonhar, recai-se em uma dominância psíquica interiorizada que concentra tais energias positivas no campo do sobrenatural e direcionada aos mistérios que o local esconde sobre algo que geralmente

está relacionado ao minério. Isso, portanto, alimenta a imaginação do garimpeiro motivando-o a buscar sua sorte frente à dureza das montanhas; dos morros; dos córregos; dos rios com suas enormes pedras e os perigos constantes que o ofício proporciona a vida desse homem mineiro. No entanto, é de se perceber que toda essa energia que move e impulsiona esse homem é justamente o conjunto de representações coletivas e sociais que comporta a junção dos esquemas dos símbolos mitológicos e dá a realidade uma explicação dos feitos humanos.

A representação social existe dentro do imaginário do garimpo a partir do momento em que este surge como fonte de influência coletiva, que se propaga como notícias de positiva produção de minérios e se torna conhecido por seus frutos como forma de melhoria de vida da comunidade, que está vivendo e usufruindo dessa produção garimpeira. Então, com as novidades dos achados, incentivava principalmente no início das atividades garimpeira no Brasil, a migração de povos de vários estados e com maior número da região nordestina, devido à situação negativa que apresentava referente à seca e a fome. Diante disso, a leva de achados e descobrimentos de garimpos, mais precisamente a partir da década de 1950, motivou essas migrações em massa para a região do Vale do Araguaia, no objetivo de buscar melhoria de vida na lida em busca das pedras preciosas.

No entanto, quando esses povos se concentram em um mesmo lugar em busca do mesmo objetivo, nota-se que a causa maior que faz os homens viverem em coletividade são os interesses particulares e a necessidade de suprir suas expectativas de vida e conquistar seus sonhos. Mas, quando isso acontece, mesmo por interesses individuais, a coletividade faz produzir outros comportamentos que motivados pelo relacionamento e o contato de culturas em um mesmo lugar, faz surgir novas idéias, forma-se novos conceitos e novos paradigmas que irão nortear os caminhos a serem seguidos, passando assim, a estabelecer suas normas e condutas como regras sociais, como padrão de organização de vida em comunidade. Isso, porém, é o que chamamos de representações sociais e que é muito bem evidenciado por Denise Jodelet quando afirma que:

...as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos elementos, informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Contudo, estes elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade (JODELET, 2001, p. 21).

Essa realidade é construída com o passar do tempo no convívio com a diversidade cultural, pois os valores e as crenças serão assimilados de um para outro e gradativamente adquirindo o respeito mútuo entre todos. É a representação social que alimenta essa ação dinâmica dentro da vida coletiva, sendo responsável ideologicamente como a formadora de condutas identitárias de um povo ou sociedade.

Segundo Jodelet,

As representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

A pedra preciosa, o tão falado e almejado diamante, representa nesse contexto do mundo dos garimpos, um símbolo que guarda inúmeros mistérios que o homem não consegue explicar. De fato, o minério não é simplesmente um mero objeto, ele possui atração e guarda em seu conteúdo, uma fórmula fascinante capaz de instigar no homem uma febre permanente de continuar o enfrentamento das durezas que o garimpo proporciona. É essa febre e esse domínio do minério sobre ele, que o faz peregrinar em meio a lugares perigosos sujeito a sofrer ataques de animais nas matas, doenças, fome, sede e muitas vezes, dorme em lonas improvisadas em meio ao frio e a chuva. Tudo em prol de um sonho de obter contato com um diamante cada vez maior e puro e com este conseguir, segundo o que afirmam os garimpeiros, um capital capaz de suprir muitos anos de trabalho assalariado na cidade.

Vale ressaltar, que quanto maior e pura é a pedra preciosa, mais valor ela tem. Mas, por outro lado, será grande a sua força de atração negativa quanto à provocação de ciúmes, inveja, roubo e até morte entre a comunidade garimpeira. Razão pela qual, o mineiro inteligente é aquele que não sai divulgando o achado e sim o que mantém sigilo até vendê-lo. Não só nesse aspecto da vida secular que se conta, pois o mundo sobrenatural é inexplicável e traz ao garimpeiro certo inquietamento sobre visões, assombrações e sonhos, que atormentados e motivados por uma energia irradiante da pedra, podem sujeitar-se as alucinações misteriosas que guarda o lugar onde se concentra muitos minérios.

Essa força imagética tem a ver com o predomínio e influência do imaginário com suas alegorias representativas que cumpre simbolicamente a forma estereotipada de se manifestar meio as ações individuais e coletivas, obviamente, planejadas pela imaginação, resultado obtido frente às realidades sociais, considerando para isso, o poder de atitude que o minério desencadeia no espírito do homem. Segundo Henry Corbin “numa perspectiva hierofânica imaginal valorizar o “*mudus imaginalis*” como uma espécie de “outro mundo”, acolhedor de sonhos, de símbolos e de visões. Trata-se, pois, de um mundo intermediário, o da imagem” (JODELET, 2001, p. 25).

As festas nos garimpos são promovidas conforme a influência de diamantes encontrados e com elas vem à ganância descontrolada em troca de um momento de descontração e comemoração pelo achado. Geralmente essas confraternizações acabavam em brigas, confrontos e mortes devido à ignorância e a valentia predominante entre os indivíduos ou grupos, habitantes de uma terra muitas vezes sem lei.

Um fator especialmente importante abordado por Durand nas estruturas do imaginário, são os símbolos com características circulares (mandala), representado como “o fuso ou a roca”, atributos das grandes deusas, das suas teofanias lunares. Símbolos estes, que compõe o Regime Noturno da Imagem e fazem parte dos esquemas cíclicos e progressistas que na maioria das vezes, implicam ao conteúdo de um mito dramático.

Ao trazer essas características simbólicas do círculo para o contexto do garimpo, nota-se que há uma ferramenta considerada como principal nas atividades mineiras, que pode ser analisada dentro da estrutura mística, de processo ritualístico, quando se utiliza a peneira na lavagem do cascalho, ou a bateia para a lavagem e apuração do ouro. A peneira, instrumento circular, confeccionada com arames cruzados e afixados em uma madeira fina e arredondada que forma uma circunferência de 360°. Essa peneira compõe um jogo de quatro, sendo dividida e representada em suruca, grossa, média e fina. Nesse processo de lavagem do cascalho, elas são posicionadas uma abaixo da outra, de forma que a fina seja a última em contato com o fundo d’ água em um lugar conhecido como ‘lavador’, localizado em canais de regos de água ou realizados nos córregos ou rios.

No ritual de lavagem, o mineiro utiliza duas pás de cascalho ou um carumbé, que é colocado na suruca, primeira peneira de cima e depois começa a girá-la com os braços de forma que a água vai tirando todo o barro e sujeira das pedras. O processo acontece com as quatro peneiras, mas a partir da terceira denominada de média, a atenção aumenta, os olhos vibram e as expectativas se dobram, pois é nesta e na fina que é de praxe aparecer o fruto

das esperanças, dos sonhos, a pedra preciosa. Isso, depois do ritual ser concluído por meio do girar a peneira circular até concentrar no centro um pequeno ou médio globo de pedras escuras e brilhosas chamado de ‘forma’, composta de ferragens, azulinhas, feijão reluzente, amarelinha e outras. Junto com essas pedras consideradas mais pesadas, pode surgir o diamante, que aparece geralmente no centro da forma após o garimpeiro debruçar a peneira no picadeiro.

Após explanar essa etapa do ritual da lavagem do cascalho diamantífero, o que nos interessa agora é correlacionar esse ritual com os símbolos cíclicos narrados na obra de Durand. Pois há semelhanças quanto à peneira circular, girada na água inúmeras vezes no objetivo de encontrar o minério no centro da forma. Coincidência ou não, o imaginário nos faz viajar pelas alegorias da realidade social e canaliza em nossos pensamentos imagens e símbolos até então sem importância. Mas, quando se reflete em direção ao campo da imaginação, nada escapa as percepções humanas, as coisas inanimadas dão sentido à vida, ao viver, a realidade.

Esse círculo ou essa roda, nada mais é para o mundo do garimpo, que a ferramenta motivadora – a peneira da vida – que gira para um lado e outro, mas que conforme procede às fases lunares, de nova a cheia, de crescente a minguante, assim o Regime noturno da imagem se completa como possibilidade de esperança na vida do homem garimpeiro, pois são essas esperanças que se renovam a cada dia, depois de uma noite produtora de sonhos, ilusões, avisos sobrenaturais, que criam expectativas e alimentam os ideais e as convicções de que um dia ou outro, essa peneira que não para de circular, que retrata as andanças desse homem dissoluto, devasso e aventureiro, poderá lhe proporcionar dias melhores.

Pode-se mesmo acrescentar que a roda e todas as suas variantes, movimento na imobilidade, equilíbrio na instabilidade, antes de ser tecnicamente explanada e de se profanar em simples instrumento utilitário, é acima de tudo engrenagem arquetípica essencial na imaginação humana (DURAND, 2002, p. 328).

No entanto, por mínimo que possa se considerar um fato ou acontecimento, estes carregam finalidades que compõe um esquema de organização que produzem resultados enormes. E essas ações humanas são constantemente influenciadas por poderes das

imagens, dos símbolos, dos sonhos, das alegorias, enfim, por mitos, representações e imaginários.

Portanto, com o peso dessas influências imaginárias é que a natureza se concretiza e se realiza nos espaços sociais, culturais e precisamente com o tempo. Assim, afirma Durand (2002, P. 328), que “todo o símbolo ligado ao ciclo possui ao mesmo tempo a sua parte de trevas e a sua parte de luz”.

Os termos Mitocrítica e Mitanalise, criados por Durand e fundamentados em sua obra “Campos do Imaginário”, destacam que a primeira possui um campo essencial dentro do imaginário, pois seu desenvolvimento resulta no emprego de um método de crítica literária, tanto no sentido estrito, quanto no sentido ampliado. Crítica essa, voltada para o discurso que envolve o processo de compreensão no relato do caráter ‘mítico’, direcionado à significação de todo e qualquer relato.

Para tanto, a mitocrítica requer um “texto-cultural”, desde que esse texto possa conter sempre, assimilado, um fundamento que interessa. É o método que visa à imagem literária, que procura abranger um papel privilegiado dentro do processo de transmissão do imaginário, sendo essa imagem literária ligada à literatura escrita ou oral de forma indireta. Diante disso, considera-se o discurso literário muito próximo do mito pelo fio diacrônico na narrativa, que por sua vez, necessita de redundância e por meio da temporalidade possa se concretizar.

O texto literário possui sua especificidade que comporta um discurso e uma linguagem mítica, portanto, toda a linguagem mítica é uma linguagem literária. Assim, a mitocrítica representa um sentido amplo, ao apresentar um método que critica o texto literário, bem como o estilo de um conjunto textual referente a uma época ou um determinado autor, que torna conhecido a sociedade um núcleo mítico, uma narrativa composta de muitos que agem intencionalmente pela retaguarda.

Outro termo importante abordado dentro do campo de análise do imaginário de Gilbert Durand é a Mitanalise, que designa ser um método de análise científica dos mitos, que procura estudar e apreender as características dos grandes mitos, responsáveis por orientar os momentos históricos, os tipos de grupos e de relações sociais.

Importante destacar que a mitanalise, segundo Gláucia Boratto R. de Mello,

desloca os métodos da mitocrítica para um campo maior: o do aparelho, das instituições ou das práticas sociais: uma abordagem, portanto, que envolve todo conteúdo antropológico de uma sociedade – não mais um texto mas um contexto social que envolve igualmente um reagrupamento de núcleos semânticos (BORATTO, 1994, p. 49).

Então, é a mitanálise responsável por analisar, examinar e acompanhar todo um aparato social direcionado a arte, ao comportamento, a produção institucional etc. que são pertencentes a uma determinada cultura cujo período de tempo pode chegar a um século, possibilitando assim, extrair os grandes esquemas míticos e com eles descobrir os fatos de uma época, de um grupo social, considerados acontecimentos etnológicos.

Voltemos ao contexto do garimpo e correlacionemos os termos mitocrítica e mitanálise, segundo seus conceitos básicos e a compreensão que deles tiramos para empregar em um mundo propriamente multifacetado, quando se refere à vida social e a coletividade na produção cultural, fato real em território mineiro.

A mitocrítica se detém em particularidades textuais cujo papel e responsabilidade é interferir no discurso literário de maneira eloqüente, no objetivo de garantir a predominância das características míticas e imaginárias.

Sem dúvida, os textos literários no qual a mitocrítica se ocupa em analisar, devem carregar em seu esquema um discurso de irrealidade, conjunto de idéias fictícias, de metáforas, metonímias que se fundamentam nas estruturas subjetivas. Dessa maneira, cumprem-se os desejos e exigências que a mitocrítica busca em um mundo literário, que garanta a sobrevivência e a perpetuação dos mitos nos contos, nas crônicas, nas fábulas, enfim, nas literaturas e nas histórias produzidas com essa idéia de fornecer a esse mundo, as redundâncias e a garantia de que os mitos continuarão a dar explicações e a justificar a existência da humanidade por meio das obras literárias.

Diante dessa estrutura de desenvolvimento do discurso literário, a mitocrítica possui relação com a cultura de um povo, sociedade ou nação, através de seus métodos direcionados para as crenças, costumes e tradições, fatores esses, que estão sobre carregados de imagens literárias, responsáveis por dar sentido às razões de vivência e permanência coletiva.

Assim analisando, o mundo do garimpo não é diferente, pois em seu contexto há uma predominância dos discursos voltados para o ilusório, utopias e contos, mágicas,

fábulas, sonhos que produzem as representações míticas capazes de dominar e induzir o homem do minério a continuar nesse ofício até o fim de sua vida.

Em suma, o garimpo respira os sonhos imagéticos e estes alimentam o ego humano, diante disso, podemos ressaltar que dificilmente existirá obra publicada sobre garimpos, que não faz referência as imagens, aos símbolos e aos discursos literários.

Já a mitanálise que possui um campo de estudo mais abrangente, foca seu método de análise científica nos grandes mitos, nos grupos e nas relações sociais. Diferente da mitocrítica, a mitanálise interfere num campo maior que está voltado para o coletivo, o social, ou seja, a vida em sociedade. Ela é responsável por analisar um enorme número de mitos clássicos e volta sua atenção aos interesses da vida social. Além disso, não poderia deixar de relacionar suas atribuições, que vem do modelo da psicanálise, as ações e as formas comportamentais dos indivíduos em uma comunidade garimpeira. E nesta comunidade, cabe a mitanálise dentro do processo de pesquisa científica estudá-la e garantir a permanência dos mitos vigentes e diretivos por um período duradouro.

Portanto, é a mitanálise um termo eficiente, criado por Durand, para analisar em dada sociedade, as ações e permanência dos grandes mitos. De igual modo, o contexto minerador necessita manter em seu processo de construção histórica seus mitos e sua identidade cultural.

A amplitude de uma tal profusão mitocrítica em diferentes campos da literatura e dos “discursos” estéticos em geral incita, com efeito, ao não isolamento da pesquisa num único autor, ou mesmo num único texto, mas sim a alargar a sua análise ao conjunto do discurso social, político, banal, ideológico, etc., de uma sociedade e de uma época. A pesquisa pede então auxílio a outros pontos de vista metodológicos para além da perspectiva das “ciências da literatura” por si limitadas. É assim que se passa de uma mitocrítica pontual a uma mitanálise mais generalizada (DURAND, 1996, p. 158).

Os conceitos acima foram estabelecidos como objetivo de fundamentar as diferenças e semelhanças existentes entre representações, mitos e imaginário e mostrar essas relações como processo de construção histórica de uma tribo, povo ou nação. Assim, o mundo do garimpo é constituído de todos esses conceitos, pois também é um lugar rico na diversidade cultural, nos costumes, na identidade e nos ritos.

Conclusão

Na atual circunstância, pode-se perceber que as atividades garimpeiras no Brasil têm sofrido uma decadência considerável devido às pressões de entidades oficiais, ONGs (organizações não governamentais) e as fiscalizações intensificadas para o fechamento dos garimpos, que na maioria são clandestinos. Além dessas ações, outro fator contribuiu para o enfraquecimento da região diamantífera do Vale do Araguaia, que é a própria escassez do minério. Diante disso, boa parte dos garimpeiros foi obrigada a voltar para a cidade e enfrentar o trabalho assalariado.

No entanto, desde que essas políticas de combate e fechamento dos garimpos iniciaram grande é a luta dessa classe em permanecer na atividade sem a devida legalidade oficial; legalidade esta impossível para os garimpeiros financeira e economicamente desestruturados, pois exigem pagamento de impostos e taxas altíssimas, além de ter que cumprir com uma burocracia constante de apresentação de documentos. Essas atitudes impostas foram contribuindo para o abandono das regiões garimpeiras. Por outro lado, existem aqueles mineiros que persistem em continuar nas atividades de extração, de forma clandestina, sujeitando-se mais cedo ou mais tarde a serem autuados pela fiscalização e forçados a saírem com pagamento de multas.

Com estas ações legais de acabar com a extração mineral rudimentar praticada por garimpeiros independentes e de baixo poder aquisitivo, acontece o crescimento das grandes mineradoras nacionais e internacionais, tirando proveito desses espaços desocupados forçadamente.

Enquanto o homem, com a força exclusiva de seus braços, usando pás e enxadões, desmontava pequenas camadas de terra, os grandes grupos, assalariando operários para manipulação de maquinários modernos vêm desmontando grandes áreas onde quer que ofereçam sinais da presença do diamante. Legalizadas ou não, ainda hoje, encontram-se grupos praticando a garimpagem nos leitos dos rios da região, principalmente o Araguaia e seus tributários. As atividades acontecem à revelia da fiscalização por ser um campo muito extenso a ser fiscalizado. Considere-se também que os órgãos fiscalizadores responsáveis não possuem profissionais nem equipamentos em quantidade suficientes para acompanhar e fiscalizar todas as regiões mineradoras do Brasil.

Nos últimos anos percebe-se o grande avanço das mineradoras multinacionais que se expandiram pelo Brasil no qual praticam em alta escala a extração de minério de forma legal. Essa política, porém, é contraditória à própria lei, pois ao mesmo tempo em que coíbe uns porque são fracos, autorizam outros, considerados fortes economicamente, sendo que, de qualquer maneira, legal ou não, os prejuízos a natureza continuam por meio da devastação de fazendas arrendadas com o uso de máquinas pesadas que abrem enormes buracos a procura do cascalho, que causam com a chuva, por mais que sejam cobertos novamente, erosões e grandes crateras que atingem diretamente os córregos e os rios.

Mesmo a garimpagem mecanizada que acontece no leito dos rios sob alegação de que estão praticando o desassoreamento, se apresenta como farsa porque enquanto o material é dragado também é lavado nas margens próximas ao leito. Na lavação as águas são escoadas e novamente depositadas no leito com as terras arrastadas dos barrancos pela correnteza produzida pelos equipamentos, assoreando mais ainda.

Diante dessa situação real, prevalece a injustiça social, que é típica do sistema capitalista que privilegia os que detêm o capital e menosprezam os fracos e necessitados; por mais que estes estejam com a razão, são lesados e injustiçados, pois a valorização humana é pelo que se tem não pelo que realmente se é.

Contudo, o que se percebe é que o sistema ora vigente está gradativamente eliminando as atividades de extração mineral tradicional e com ela o garimpeiro, ora considerado pela sociedade indivíduo marginal, mas que dá exemplo de otimismo e perseverança em qualquer circunstância da vida. Esse personagem que carrega um caráter de valorização das qualidades humanas, que prima pelo viver agora e cultiva em sua identidade, a amizade, a união e o trabalho em equipe.

Nas grandes mineradoras, este homem, o que perdeu sua identidade individual, já não é o garimpeiro, mas sim um funcionário registrado e assalariado, obrigado a cumprir as determinações da legislação trabalhista. Passam a obedecer as ordens de terceiros, encarregados, gerentes, considerados chefes ou patrões. Já não vive mais o seu ser individual e tão pouco tem contato com o minério, produto esse de acesso somente aos encarregados para tal, homens de inteira confiança dos capitalistas modernos.

Em suma, onde encontrará um garimpeiro? Certamente não será possível dentro de algum tempo encontrar esse homem sertanejo. A não ser que sua história fique registrada através de obras publicadas, tanto em literaturas, quanto na história oficial das ciências humanas, nas crônicas, nos contos, nos poemas e poesias. Essa, porém, é a única

alternativa de deixar vivo o legado construído pelos homens corajosos, responsáveis direto pelo surgimento de inúmeras cidades do Brasil. Por sua bravura que não é reconhecida pela própria historiografia nacional, mas que deve ser escrita para perpetuar os fatos históricos e levá-los ao conhecimento das futuras gerações.

O imaginário popular foi formado com novas idéias de preservação ambiental, que visa o combate ao desmatamento, conservação das nascentes dos rios e proteção das matas ciliares. No entanto, esse aflorar de ações em prol de medidas anti-exploratórias do sistema ambiental se apaziguou com o passar dos anos.

Hoje já se vê um novo personagem em busca do minério, que é o garimpeiro moderno, detentor de uma estrutura adequada capaz de explorar com mais eficácia o diamante. Esse homem faz ainda sobreviver às atividades e a forma de vida do garimpeiro, pois na região do Vale do Araguaia se encontra em pleno funcionamento a exploração do minério por meio da garimpagem de mergulho e de monção, sendo a maioria ilegal.

Fica uma interrogativa. Como coibir a garimpagem no leito do Araguaia? Se, quando o estado de Goiás não autoriza, o estado de Mato Grosso o faz. O rio pertence aos dois estados e não tem linha divisória. Só tem, com certeza, uma classe de pessoas marginalizadas, entregue à sociedade de pessoas individualistas e preocupadas com consigo mesmas. Razão pela qual, por falta de uma fiscalização perseverante e incorruptível, podem-se presenciar ainda atividades clandestinas de exploração de minérios fragmentadas existentes na região do Vale do Araguaia.

Referências Bibliográficas:

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?.* Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História.* Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto /2. Os domínios do Homem.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade.* São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CROATTO, J. S. *As Linguagens da Experiência Religiosa.* São Paulo: Paulinas, 2001.

DINIZ, Zelia dos Santos. *Município de Aragarças.* Barra do Garças: Editora 31 de março, 1990.

DINIZ, Zelia dos Santos. *Redescobrimo o Brasil.* Goiânia: Editora Kelps, 1996.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença.* Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário.* Trad. Hélder Godinho. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. *Campos do Imaginário.* Trad. Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade.* Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: minidicionário da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANÇA, Basileu Toledo. *O triângulo dos diamantes.* Goiânia: Editora da UFG, 1994.

GALLI, Ubirajara. *A História da mineração em Goiás: do séc.17 às lavras do séc. 21.* Goiânia: Ed. da UCG, Contato Comunicação, 2005.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural.* Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JODELET, Denise. *As representações Sociais*. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.

LAPLANTINE, François. *O que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MARCONI, Marina de Andrade. *Garimpos e garimpeiros*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MARTINS, José de Souza. *(Des)figurações: A Vida Cotidiana no Imaginário da Metrópole*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MELLO, Gráucia Boratto R. de. *Contribuições para o Estudo do Imaginário*. Brasília: Em Aberto, 1994.

PEIXOTO, Robson José. *Artigo Diagnóstico dos garimpos de topázio*. Revista Escola de Minas, vol.57 no.4 Ouro Preto Oct./Dec. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TADEU, Tomaz da Silva. *O que é, afinal, Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras – Chave: Um vocabulário de cultura e sociedade*. Trad. Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.

Glossário

- ¹Resumidora: Máquina criada para segurar e selecionar o minério.
- ²Bamburra: Ato de achar metal precioso de/ou em grande proporção.
- ³Queima: Muito tempo sem achar o minério.
- ⁴Maraca: Estrutura circular de metal com grade, que acoplada na boca de um cano chupão, serve para evitar o entupimento.
- ⁵Cano chupão: Cano posicionado dentro d'água para tragar terra e cascalho.
- ⁶Maraqueiro: Pessoa que segura a maraca dentro d'água evitando o entupimento do cano chupão.
- ⁷Creimoso: Cascalho bonito composto de variedades de formas.
- ⁸Trieiros: Estrada estreita freqüente em fazendas e garimpos.
- ⁹Fazendeiro: Dono da propriedade de terra onde se localiza o garimpo.
- ¹⁰Tarimba: Cama de madeira rústica forrada com pau de babaçu.
- ¹¹Pendenga: Necessidade das coisas, falta de dinheiro.
- ¹²Bóia: Comida, refeição.
- ¹³Mancha: Minério em grande proporção.
- ¹⁴Bica: Estrutura de ferro composta de caixa que amortece a água com o cascalho e canaletas com pequena inclinação com grades fixadas para segurar os diamantes.
- ¹⁵Despescar: Ato de retirar o cascalho da bica.
- ¹⁶Carumbés: Tacho pequeno utilizado pelo garimpeiro para carregar cascalho.
- ¹⁷Feijão reluzente: Pequena pedra brilhosa que compõe a forma do cascalho.
- ¹⁸Quilates: Nome que especifica a pesagem do diamante.
- ¹⁹Matula: Objetos particulares de uma pessoa.
- ²⁰Gleba: Terreno próprio para a cultura, torrão; dizeres que significa “sumiu no mundo”.
- ²¹Picareta: Instrumento de ferro para escavar, arrancar pedras.
- ²²Alavanca: Barra de ferro que serve para cavar o solo, mover ou levantar objetos pesados.
- ²³Abrir unha: Fugir, afastar-se
- ²⁴Come quente: Indivíduo que não faz nada e quer ter os mesmos direitos dos outros.
- ²⁵Cural: Garimpeiro novato, inexperiente, calouro.
- ²⁶Descabreado: Falta de ânimo, Sem rumo.
- ²⁷Faiscador: Garimpeiro de fim de semana; garimpa aos sábados, domingos e feriados.
- ²⁸Fornecedor: Dono do garimpo ou empreiteiro, sócio do garimpo.

- ²⁹Infusado: Endividado.
- ³⁰Pau rolado: Indivíduo sujeito a tudo, sem eira nem beira
- ³¹Abrir despejo: Ato de abrir espaço reservado para jogar a terra ou cascalho retirado da catra.
- ³²Arear dente: Esfregar lascas de fumo em corda nos dentes.
- ³³Bajerê: Cascalho que não dá minério, não presta.
- ³⁴Batido de roda: Movimento rotativo com as peneiras.
- ³⁵Boca quente: Trabalho braçal difícil, pesado.
- ³⁶Bagalhau: Cascalho mais grosso que fica na peneira suruca.
- ³⁷Batedor: Monte de cascalho limpo no formato circular, local onde é debruçada a peneira com cascalho lavado para procurar o diamante.
- ³⁸Bater água: Ato de secar a catra, retirando a água com latas, carumbés ou dragas.
- ³⁹Cateação: Ato de pesquisar se o local possui diamantes.
- ⁴⁰Piçarra: Formação impermeável do terreno; laje abaixo do cascalho diamantífero.
- ⁴¹Caneta: Pequena vara artesanal de madeira para abrir o cascalho e verificar se há diamante.
- ⁴²Esmeril: Cascalho fino que não dá corte nas peneiras; não segura em nenhuma peneira.
- ⁴³Azulinha: Safira, certo satélite do diamante.
- ⁴⁴Caboclo lustroso: Limonita, certo satélite do diamante.
- ⁴⁵Chicória: Octoedrita, certo satélite do diamante, o mesmo que ciricória.
- ⁴⁶Crisólida: Crisólito, certo satélite do diamante, o mesmo que crisota.
- ⁴⁷Feijão preto: Jaspe negro, certo satélite do diamante.
- ⁴⁸Ferrage: Rutílio, certo satélite do diamante.
- ⁴⁹Lacre: Jaspe vermelho; certo satélite do diamante.
- ⁵⁰Marumbé: Jaspe amarelo, certo satélite do diamante.
- ⁵¹Massa cativo: Magnetita em pó, certo satélite do diamante.
- ⁵²Ogó: Monazita, certo satélite do diamante.
- ⁵³Ovo de pomba: Quartzo rolado, certo satélite do diamante.
- ⁵⁴Paia de arroz: (palha) Cianita, certo satélite do diamante.
- ⁵⁵Pedra de stânio: (estanho) pirita ou sulfeto de ferro, certo satélite do diamante.
- ⁵⁶Pretinha: Jaspe negro ou turmalina negra, certo satélite do diamante.
- ⁵⁷Roxa: Ametista, certo satélite do diamante.
- ⁵⁸Fava: Óxido de titânio hidratado, certo satélite do diamante.

- ⁵⁹Grupiara: Garimpo na margem ou barranco do rio; o mesmo que gupiara, guapiara ou cata d'água.
- ⁶⁰Chibiu: Diamante pequeno, menor de meio quilate
- ⁶¹Traias: Roupas e objetos de garimpeiros.
- ⁶²Girau: Estrutura de madeira armada com quatro forquilhas com acento utilizada para lavar roupas e vasilhas
- ⁶³Babaçu: Palmácea cujos frutos, drupáceos, fornecem sementes oleaginosas e comestíveis, das quais se extrai óleo útil.
- ⁶⁴Lamparina: Recipiente com um líquido iluminante, no qual se mergulha um discozinho transpassado por pavio que, aceso, dá luz.
- ⁶⁵Pelada: Jogo de futebol ligeiro em campo improvisado.
- ⁶⁶Meia praça: Garimpeiro mantido financeiramente por terceiro para trabalhar no garimpo manual cujo dinheiro do minério é dividido igualmente entre ambos.
- ⁶⁷Manchão: Lugar rico em metal precioso.
- ⁶⁸Suruca: Peneira grossa utilizada para selecionar as pedras maiores na lavagem do cascalho.
- ⁶⁹Carriola: Carrinho de mão utilizado para carregar cascalho.
- ⁷⁰Lavadores: Lugares preparados pelos garimpeiros dentro d'água para acomodar as quatro peneiras na lavagem do cascalho.
- ⁷¹Forma: Pedras escuras contidas no cascalho e aparecem como um círculo no fundo da peneira no processo de lavagem.
- ⁷²Dissoluto: Devasso, corrupto.

Anexos:

Estes documentos foram fornecidos pela Promotoria Ambiental de Aragarças-GO. Responsável pelos fechamentos dos garimpos da região do Vale do Araguaia.



ESTADO DE GOIÁS
MINISTÉRIO PÚBLICO
PROMOTORIA ECOLÓGICA MÓVEL

PORTARIA Nº 003/01

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO Nº 03/01

Tendo chegado ao conhecimento desta Promotoria de Justiça que está ocorrendo a extração de minérios (diamantes) na Fazenda Esmeralda, às margens do Rio João Velho, um dos afluentes do Rio Araguaia e a poucos metros de distância deste, possivelmente na área de preservação permanente, de propriedade do Sr. GUSTAVO ALMEIDA MATOS, através de vistoria *in loco*, município de Baliza, sendo que não foi possível descobrir se tal atividade está legalizada junto ao Órgão Ambiental competente, apresentando o local visível dano ambiental, e sendo necessária a coleta de outras informações que orientem a tomada de providências legais, em especial a notificação do proprietário do imóvel para apresentar a matrícula do imóvel, a Licença de Funcionamento da extração e o Plano de Controle Ambiental e, se for o caso, a instauração de Inquérito Policial, RESOLVEM os Promotores de Justiça subscritores desta peça INSTAURAR o presente procedimento, com base no artigo 26, inciso I, da Lei nº 8.625/93 (Lei Orgânica do Ministério Público) e parágrafo primeiro do artigo 8º, da Lei nº 7.347/85 (Lei de Ação Civil Pública), com o fim de averiguar a legalidade da atividade e dimensionar o dano ambiental constatado.

Assim, determinamos as seguintes providências:

1º) a autuação da presente Portaria, com posterior envio de cópia à Coordenadoria do CAO de Defesa do Meio Ambiente, conforme disposto nos artigos 9 e 27 da resolução nº 09/95, da P6J;

2º) sejam tomadas por termo as declarações do Sr. GUSTAVO ALMEIDA MATTOS, proprietário do imóvel denominado Fazenda Esmeralda, município de Baliza, proprietário da e, uma vez que foi ele notificado para comparecer à Promotoria Ecológica Móvel, em Aragarças para apresentar a matrícula

Licença de Funcionamento e o Plano de Controle Ambiental:

fls. 03
088

3º) seja oficiado ao IBAMA - Barrã do Garças, para que forneça o instrumento de GPS, para realizar perícia na frente de trabalho existente na propriedade denominada Fazenda Esmeralda, com a finalidade de precisar a dimensão do dano ambiental e a sua localização, informando se está dentro da área de preservação permanente do Rio Araguaia;

4º) seja juntada a notificação nº 069909, do IBAMA, já que este órgão realizou a vistoria juntamente com os Promotores de Justiça;

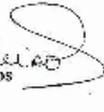
5º) nomeie como secretária *ad hoc* do presente inquérito a Srta. Cecília Rosa Borges, que deverá prestar o compromisso legal;

7º) sejam juntadas aos autos as fotografias das respectivas frentes de trabalho de extração de minério, tiradas durante a vistoria;

Realizadas todas as providências, volvam-nos os autos conclusos para posteriores deliberações.

Cumpra-se

Aragarças, 17 de julho de 2001.


Wânia Marçal de Medeiros
Promotora de Justiça


Sebastião Simões de Araújo
Promotor de Justiça

fu. 05
8/8

 IBAMA Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis		NOTIFICAÇÃO		01 REGISTRO NO IBAMA	02 NÚMERO 069903
03 NOTIFICAÇÃO INTERESSADO AS: HORAS DIA MES ANOS 10 16 17 JUNHO 1991		04 ATIVIDADE DO NOTIFICADO	05 CÓDIGO UNIDADE COGNOMÍNIO	06 PARA USO DO PROCESSAMENTO SÉRIE B	
07 NOME COMPLETO GUSTAVO ALMEIDA MATTOS		08 ENDEREÇO RUA 10 Nº 05		09 CEP 78.240-000	
10 BARRIO/DISTRITO CENTRO		11 MUNICÍPIO ARAGANÇA		12 UF GO	
13 DESCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA APRESENTAR DOCUMENTAÇÃO REFERENTE A ATIVIDADE DE GARIMPO. - PLANO DE CONTROLE AMBIENTAL - P.C.A. - LICENÇA DE FUNCIONAMENTO - L.F. DA AGÊNCIA AMBIENTAL -					
14 O NOTIFICADO DEVE COMPARECER AO IBAMA NO ENDEREÇO AO LADO NO PRAZO DE 07 DIAS A CONTAR DA DATA DE EMISSÃO DESTA NOTI- FICAÇÃO, PARA PRESTAR ESCLARECIMENTOS SOBRE OS FATOS DES- CRITADOS ACIMA. O NÃO COMPARECIMENTO PODERÁ CONSTITUIR CRIME EM DEPENDÊNCIA AO ARTIGO 330 DO CÓDIGO PENAL.			15 ENDEREÇO DO APRESENTADOR PRACATÓRIA ECOLÓGICA - PÚBLICA		
16 PESSOA RESPONSÁVEL PELA O NOTIFICADO NÃO ESTEJA PRESENTE.			17 ASSINATURA DO NOTIFICADO 		
18 NOME COMPLETO ENDEREÇO BARRIO/DISTRITO MUNICÍPIO CIDADE CEP. U.F.			19 ASSINATURA DO NOTIFICANTE  Marcilio Pereira Goulart Agente de Fiscalização Unid. Multis. Rio Verde IBAMA / GO		

MOD. 07.008 - 1ª VIA - PROCESSO - 2ª VIA - NOTIFICADO - 3ª VIA - ÓRGÃO EMITENTE

12/07/91
Aracaju